

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

TANARA CONZATTI

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NA ÁREA DE
CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

CAXIAS DO SUL

2021

TANARA CONZATTI

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NA ÁREA DE
CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Relatório de estágio curricular obrigatório
apresentado ao curso de Medicina Veterinária
da Universidade de Caxias do Sul, na área de
Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos
Animais, como requisito para obtenção do grau
em bacharel em Medicina Veterinária.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Giordani

Supervisor: M. V. Mateus Rychesky

CAXIAS DO SUL

2021

TANARA CONZATTI

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NA ÁREA DE
CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Relatório de estágio curricular obrigatório
apresentado ao curso de Medicina Veterinária da
Universidade de Caxias do Sul, na área de Clínica
Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais, como
requisito para obtenção do grau em bacharel em
Medicina Veterinária

Orientador: Profa. Dra. Claudia Giordani

Supervisor: M. V. Mateus Rychesky

Aprovada em: 30/06/2021

Banca Examinadora

Profa. Dra. Claudia Giordani
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Karina Affeldt Guterres
Universidade de Caxias do Sul

M. V. Leandro Gois
Programa de Aprimoramento Profissional em Medicina Veterinária - UCS

Dedico este trabalho aos meus dois filhos, Iani e Iago, razões do meu viver, que me inspiram todos os dias a melhorar o ser humano que sou. Ao meu companheiro, Fabiano, sem o qual este sonho não se realizaria, pelo apoio, incentivo, segurança, liderança e, especialmente, companheirismo. À Anita, Libra, Mikaela, Caramelo, Jujuba (*in memorian*), Coca (*in memorian*), Eurinho (*in memorian*), Filu (*in memorian*), Bolinha (*in memorian*) e tantos outros...

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida e a todos os caminhos que me trouxeram para cá. Somos o somatório de tudo que vivemos, e de tudo que há pela frente. E já agradeço o que há por vir, pois tudo será parte do aprendizado, chamado vida.

Meus filhos, Iani e Iago, que aguentaram firme a infância e adolescência vendo a mãe mudar a rota, largar um emprego e recomeçar, virando estudante que nem eles, virando bagunça na rotina e enfrentando o medo da falta de orçamento. Vocês são minha razão e inspiração por tudo que faço.

Ao pai deles, Fabiano Sibem, meu companheiro há 22 anos, que foi 100% responsável por essa guinada de vida, pois jamais faria isso sem seu apoio.

Aos meus pais, pelos exemplos, e à minha mãe, Susana, por várias vezes dar suporte à minha família e aos meus filhos quando tantas vezes precisei me ausentar. À minha avó, dona Tere, pelo orgulho que tinha da neta.

Ao meu irmão, Lucídio Conzatti Junior, e à tia Solange Schenatto, pelo encorajamento. Sei que não foi unanimidade no geral, sentimos medo pelas pessoas que amamos. Mas sempre senti o apoio de vocês e a crença em mim, mais que eu mesma, muitas vezes.

Desde o Filu, em 1984, a Bolinha e o Mimi, dos meus 6 aos 14 anos e à Anita, Libra, Mikaela e Caramelo, que hoje moram comigo, obrigada pelo amor ensinado.

Aos professores, além dos ensinamentos didáticos, pelos compartilhamentos das experiências e apoio. Com muito carinho, à Raqueli, que muito me inspirou, à professora Raquel, recém-chegada e muito disposta, à professora Antonella pela entrega e alegria, à professora Cátia, sempre muito amorosa e ao professor Gustavo, cuja dedicação na LOV e nas aulas de cirurgia realmente demonstravam o interesse no aluno.

Aos colegas, pelas ajudas e trocas, em especial à Gilian, que compartilha uma história de vida comigo, à Bruna Albino pelos trabalhos, estudos e por emprestar a casa para eu dormir, à Renata, pelas caronas e trocas de experiências na área.

À professora Cláudia, minha orientadora desde o interdisciplinar, que aguentou o sofrimento de revisar meus trabalhos.

Ao Centro Veterinário São Francisco e ao Hospital Veterinário Florianópolis, pela oportunidade de estágio e aprendizado. À Cátia Postal, que nos últimos anos me ensinou e incentivou muito e a toda equipe da República dos Animais, que deu suporte para o crescimento conjunto com os estudos, engrandecendo o espaço e a empresa: Augusto, Danielas, Salvador, Neiva e tantos outros que passaram, e que virão.

RESUMO

Este relatório tem como objetivo descrever as atividades realizadas durante o período de estágio curricular obrigatório na área de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais. O estágio transcorreu no Hospital Veterinário de Florianópolis durante o período de 1º de março a 10 de junho de 2021, correspondendo a 440 horas, sob a supervisão do médico veterinário Matheus Rycheski e orientação da professora Dra. Claudia Giordani. Durante esta etapa foi possível acompanhar a rotina de um hospital veterinário e o trabalho de diferentes especialistas, além de clínicos gerais. No período, foram acompanhadas 220 afecções/ações preventivas em atendimentos clínicos e 20 casos cirúrgicos, com maior casuística da espécie canina. A maior casuística dentre os atendimentos clínicos deu-se no sistema digestório e órgãos anexos (n=48/21,82%) com destaque para a patologia gastroenterite alimentar (n=7/14,58%). Em relação aos procedimentos cirúrgicos, houve predomínio do procedimento de mastectomia unilateral (n=3/15%). Dentre os casos acompanhados, foi descrito um caso de carcinoma de células escamosas em felino e um caso de leiomiossarcoma associado a infecção de coto uterino por *Escherichia coli* em canino. É essencial para o aprendizado e formação em medicina veterinária a prática do estágio curricular obrigatório, possibilitando o desenvolvimento de técnicas e abordagens, raciocínio clínico, trabalho em equipe e relações interpessoais, preparando o aluno para o mercado de trabalho.

Palavras-Chave: Caninos. Felinos. Carcinoma de células escamosas. Leiomiossarcoma. Piometra de coto.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	12
Figura 2 – Laboratório de análises clínicas do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	14
Figura 3 – Consultório dois do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	15
Figura 4 – Visão geral da sala de radiologia do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	15
Figura 5 – Sala de emergência do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	16
Figura 6 – Sala de preparação cirúrgica do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	17
Figura 7 – Visão geral da sala de cirurgia do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	17
Figura 8 – Sala de manipulação das células tronco do Centro de Pesquisas com Células Troncas do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	18
Figura 9 – Internação de felinos do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	18
Figura 10 – Internação de caninos do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	19
Figura 11 – Sala de tomografia computadorizada do Hospital Veterinário de Florianópolis.....	20
Figura 12 – Exame de ultrassonografia abdominal em modo B demonstrando massa heterogênea de ecogenicidade mista em região de corpo uterino com discreta quantidade de líquido intraluminal com celularidade sugerindo piometra de coto ou neoplasia de coto.....	37
Figura 13 – Neoplasia extraída em topografia de coto uterino em cadela com histórico de castração.....	38
Figura 14 – Lesão neoplásica em face de felino com carcinoma de células escamosas.....	43
Figura 15 – Rinoscopia em felino com carcinoma de células escamosas.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Procedimentos ambulatoriais e exames realizados ou acompanhados durante o período de estágio curricular no HVF.....	21
Tabela 2 – Casuística do grupo de afecções/sistemas orgânicos de caninos e felinos acompanhados durante o estágio curricular no HVF.....	23
Tabela 3 – Casuística de afecções do sistema digestório e órgãos anexos de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.....	24
Tabela 4 – Casuística de afecções do sistema musculoesquelético de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.....	25
Tabela 5 – Casuística de afecções do sistema urinário de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.....	26
Tabela 6 – Casuística do sistema reprodutivo e da glândula mamária de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.....	27
Tabela 7 – Casuística de afecções do sistema tegumentar e otológico de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.....	28
Tabela 8 – Casuística de afecções do sistema neurológico de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.....	29
Tabela 9 – Casuística de afecções do sistema cardiorrespiratório de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HFV.....	30
Tabela 10 – Casuística de afecções infectocontagiosas de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.....	31
Tabela 11 – Casuística de afecções do sistema endócrino de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.....	32
Tabela 12 – Casuística de afecções por intoxicações de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.....	32
Tabela 13 – Casuística de procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o estágio curricular no HVF.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALB	Albumina
ALT	Alanina amino transferase
BCG	Bacilus Calmete-Guerin
BID	<i>Bis in die</i> = duas vezes ao dia
CCE	Carcinoma de células escamosas
CR	Radiologia computadorizada
CASA	Centro de Atenção à Saúde Animal
CREAT	Creatinina
DIBEA	Diretoria do Bem-Estar Animal
DTUIF	Doença do trato urinário inferior em felinos
FA	Fosfatase alcalina
FC	Frequência cardíaca
FelV	Vírus da leucemia viral felina
FIV	Vírus da imunodeficiência felina
FR	Frequência respiratória
GGT	Gama glutamil transferase
HVF	Hospital Veterinário Felino
IRA	Insuficiência renal aguda
NPH	Protamina neutra de Hagedorn
PCR	Reação da Cadeia de Polimerase
PTT	Proteínas totais
PV	Papiloma vírus
RCCP	Ressuscitação cardiopulmonar
RPC	Relação proteína creatinina
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SID	<i>Semel in die</i> = uma vez ao dia
TID	<i>Ter in die</i> = três vezes ao dia
TPC	Tempo de preenchimento capilar
US	Ultrassom
UV	Ultravioleta
VO	Via oral

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DESCRICAO DO LOCAL DE ESTÁGIO.....	12
2.1 HOSPITAL VETERINÁRIO DE FLORIANÓPOLIS.....	12
3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E CASUÍSTICA.....	21
3.1 PROCEDIMENTOS AMBULATORIAIS E EXAMES COMPLEMENTARES.....	21
3.2 CASUÍSTICA CLÍNICA.....	23
3.2.1 Casuística das afecções do sistema digestório e órgãos anexos.....	23
3.2.2 Casuística das afecções do sistema musculoesquelético.....	24
3.2.3 Casuística de afecções do sistema urinário.....	25
3.2.4 Casuística do sistema reprodutivo e da glândula mamária.....	26
3.2.5 Casuística das afecções do sistema neurológico.....	27
3.2.6 Casuística das afecções do sistema tegumentar e otológico.....	29
3.2.7 Casuística das afecções do sistema cardiorrespiratório.....	30
3.2.8 Casuística de afecções infectocontagiosas.....	30
3.2.9 Casuística de afecções endócrinas.....	31
3.2.10 Casuística de intoxicações e picadas de insetos.....	32
3.2.11 Casuística de medidas preventivas.....	33
3.2.12 Casuística de afecções oftálmicas.....	33
3.3 CASUÍSTICA CIRÚRGICA.....	33
4 RELATOS DE CASO.....	35
4.1 LEIOMIOSSARCOMA EM COTO UTERINO ASSOCIADO À INFECÇÃO POR <i>ESCHERICHIA COLI</i> EM CANINO.....	35
4.1.1 Introdução.....	35
4.1.2 Relato de caso.....	36
4.1.3 Discussão.....	39
4.1.4 Conclusão.....	41
4.2 CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM FELINO.....	41
4.2.1 Introdução.....	41
4.2.2 Relato de caso.....	42

4.2.3 Discussão.....	44
4.2.4 Conclusão.....	47
 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 48
 REREFÊNCIAS.....	 49
ANEXOS.....	53

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária é de extrema importância, sendo baseado no acompanhamento e desenvolvimento da prática profissional, envolvendo diversas especialidades. Relaciona-se ao preparo do aluno para o mercado de trabalho com o aprimoramento das técnicas de tomada de decisão, raciocínio clínico, trabalho em equipe e no relacionamento interpessoal, como colega, cliente ou administrador.

O estágio curricular na área de clínica médica e cirúrgica foi realizado no Hospital Veterinário de Florianópolis (HVF) durante o período de 01 de março a 10 de junho de 2021, totalizando 440 horas, sob orientação da Professora Dra. Claudia Giordani e supervisão pelo médico veterinário Mateus Rycheski.

A área de clínica médica foi escolhida baseada no histórico empresarial e na preferência pessoal, pelo fato de a aluna já atuar com banho e tosa e pet shop na cidade em que reside, há 8 anos. O local de estágio foi definido pela estrutura completa que o HVF possui, além de prestar atendimento 24 horas e ter uma casuística elevada, com aproximadamente 1500 atendimentos mensais.

Este trabalho tem por objetivo descrever o local de estágio, atividades realizadas/acompanhadas, casuística e descrever dois relatos de caso: Leiomiossarcoma associado a infecção por *Escherichia coli* em coto uterino em canino e carcinoma de células escamosas em felino.

2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

2.1 HOSPITAL VETERINÁRIO DE FLORIANÓPOLIS

O Hospital Veterinário de Florianópolis (HVF) (Figura 1) estava localizado na Rua João Cruz e Silva, nº 91, no Bairro Estreito, na cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina. Os serviços prestados eram 24h, com consulta de clínica geral e de especialistas (nefrologia, neurologia, oncologia, traumatologia, urologia, cardiologia e animais silvestres), conta ainda com cirurgias/videocirurgias, imunizações, exames complementares (biologia molecular, análises clínicas, exames de ultrassonografia, radiografia e tomografia computadorizada) e internação.

Figura 1 – Fachada do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Konzatti (2021).

O horário comercial de atendimento era de segunda a sexta-feira, das 8h às 20h e sábado das 8h às 12h, os demais horários eram sob regime de plantão. As modalidades de atendimento eram no formato particular ou pacientes encaminhados pelo convênio com o CASA (Centro de Atenção à Saúde Animal) ou DIBEA (Diretoria do Bem-Estar Animal) para tutores em vulnerabilidade socioeconômica. Os atendimentos em clínica geral eram feitos por ordem de chegada e os atendimentos por especialistas sob horário previamente agendado. No caso de emergências, as prioridades eram imediatamente atendidas. Os serviços prestados no HVF eram de clínica geral, nefrologia, urologia, neurologia, anestesiologia, cirurgia, animais silvestres, cardiologia e oncologia.

Além disso, o hospital contemplava a área de ensino, através do Institutovet, com cursos de auxiliar veterinário, plantonista veterinário, ultrassonografia, cirurgia e anestesiologia. Possuía um programa chamado S.O.S. Hospital PET, no SBT e canal do Youtube, para demonstrar como era a rotina hospitalar veterinária, sendo divulgados os atendimentos realizados no HVF.

O HVF tinha uma infraestrutura de dois andares, o primeiro andar era composto por uma recepção, dois banheiros, uma farmácia, uma sala de espera, três consultórios, uma sala de radiologia, uma sala de tomografia computadorizada, uma sala de emergência, um bloco cirúrgico, uma sala de médicos veterinários, duas internações para felinos, três internações para caninos, um laboratório de biologia molecular (análise por Reação em Cadeia da Polimerase em tempo real – PCR), um laboratório de pesquisa em células tronco e uma sala de depósito de acessórios para enfermagem. No segundo andar havia a área administrativa, um espaço de leitura, uma copa e sala de esterilização de instrumentais. Nos fundos do HVF havia um jardim, usado como solário para os pacientes internados e uma lavanderia externa. Além disso, estava em construção uma sala de ressonância magnética e uma sala de tratamento radioterápico, no primeiro andar.

Em prédio ao lado do Hospital Veterinário havia o laboratório de análises clínicas (Figura 2) (hematologia, bioquímica sérica e imunologia), local onde também estava sendo instalado um laboratório de microbiologia e de parasitologia. O laboratório de análises clínicas possuía 2 microscópios, 1 centrífuga, 1 microcentrífuga, 1 banho-maria, 1 aparelho de imunologia, 1 aparelho de bioquímica automatizado, 1 analisador hematológico veterinário, 1 coagulograma, 2 notebooks, 1 contador manual e 1 analisador de imunoensaio automático para testes de leucemia viral felina (FeLV), imunodeficiência felina (FIV), giárdia e 4DX (anaplasmoze, erlichiose, doença de Lyme e dirofilariose).

Figura 2 – Laboratório de análises clínicas do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Konzatti (2021).

Na recepção, os tutores e seus animais realizavam o cadastro e o paciente era pesado, sendo os dados lançados no sistema informatizado Sispet. Após isso, eram encaminhados para a sala de espera para aguardar atendimento. Ao passar da sala de espera e entrar na área específica de atendimento, à direita, havia um altar para orações, com diversidade religiosa.

Em relação aos consultórios (Figura 3), todos eram climatizados e possuíam a mesma estrutura e materiais, composto de mesa, duas cadeiras, uma mesa de inox para procedimentos/avaliação, pia, balcão com materiais para exame clínico e de enfermagem e um televisor (programação: S.O.S. Hospital PET. Os consultórios eram utilizados para atendimentos e para as visitas dos animais internados.

Figura 3 – Consultório dois do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Konzatti (2021).

Na sala de médicos veterinários, que ficava próxima aos consultórios, havia um computador, mesa e cadeiras e, após a finalização da consulta, através do sistema informatizado, o prontuário do paciente (anamnese, exame clínico, exames solicitados/realizados e prescrição) era transferido para o sistema informatizado.

A sala de radiologia (Figura 4) estava localizada entre os consultórios, composta por aparelho de radiografia, coletes e protetores de tireoide de chumbo, sistema de digitalização CR (radiologia computadorizada) e computador.

Figura 4 - Visão geral da sala de radiologia do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Konzatti (2021).

A sala de emergência (Figura 5) estava estrategicamente localizada, com porta exclusiva via recepção, equipada com aparelho de contagem hematológica, hemogasômetro, analisador bioquímico semi-automatizado, eletrocardiograma, ultrassom, caixa de medicamentos de emergência, materiais para exames clínicos e de enfermagem, ambu, laringoscópio, tubos endotraqueais e oxigênio. Os exames ultrassonográficos eram realizados na sala de emergência ou em um consultório, conforme disponibilidade.

Figura 5 - Sala de emergência do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Conzatti (2021).

Ao lado da sala de emergência ficava a ala de cirurgia, com sala de preparação (Figura 6), composta por bancada, onde era realizada a tricotomia, administração de medicações pré-anestésicas, indução anestésica e intubação orotraqueal.

Na sequência, existia a sala de paramentação, composta de lavatório com acionamento por pedal, sabão, balcão e armário contendo pijamas cirúrgicos, aventais esterilizados e instrumentos cirúrgicos esterilizados. E, por fim, a sala cirúrgica (Figura 7), climatizada, contendo uma mesa de inox, medicamentos anestésicos e de emergência, materiais de enfermagem, bisturi eletrônico, bomba de aspiração cirúrgica para fluidos, laringoscópio, eletrocardiograma, aparelho de raio-x portátil, aparelho de videocirurgia com dois monitores, um cilindro de oxigênio, um cilindro de dióxido de carbono, um fluoroscópio, um aparelho de anestesia inalatória e dois monitores (um analisava a frequência cardíaca e o outro a saturação de oxigênio, pulso arterial e frequência respiratória).

Figura 6 - Sala de preparação cirúrgica do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Conzatti (2021).

Figura 7 – Visão geral da sala de cirurgia do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Conzatti (2021).

O Centro de Pesquisas com Células Tronco, localizado junto ao laboratório de biologia molecular, possuía capela de fluxo laminar e estufa de cultivo celular (Figura 8). Além das pesquisas *in vitro*, os cultivos celulares também eram utilizados em pacientes atendidos no hospital, em casos de artrite ou dermatites crônicas, por exemplo.

Figura 8 – Sala de manipulação das células tronco do Centro de Pesquisas com Células Tronco do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Konzatti (2021).

A ala de internação de felinos (Figura 9) era composta por duas salas, sendo uma utilizada para animais com doenças infectocontagiosas. Ambos os gatis possuíam a mesma estrutura, ambiente climatizado, portas e janelas teladas, seis baias em vidro e azulejo, uma mesa de inox, bomba de infusão, balança digital, cilindro de oxigênio, pia, materiais de enfermagem e de exame clínico.

Figura 9 – Internação de felinos do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Konzatti (2021).

Na ala de internação de cães (Figura 10) havia duas salas climatizadas, contando com oito baias cada (material de concreto, vidro e azulejo). As salas possuíam uma mesa de inox, três bombas de infusão, dois cilindros de oxigênio, materiais de enfermagem e de exame clínico.

Figura 10 – Internação de caninos do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Conzatti (2021).

Em todas as internações havia uma tarja de identificação fixada na porta de cada baia, com nome do paciente, médico veterinário responsável, suspeita clínica e observações (como jejum, alimentação especial, uso de tapetes, entre outros). Além disso, informações sobre alimentação especial, frequência de verificação de parâmetros vitais (temperatura, pressão arterial, glicose, frequência cardíaca e respiratória), e medicações a serem administradas ficavam em prontuário eletrônico.

Na sequência, seguindo o corredor, havia a sala de tomografia computadorizada (Figura 11), separada em sala de exame com isolamento plúmbeo e sala do painel / laudos. Neste local havia um tomógrafo de 16 canais, materiais de enfermagem, medicamentos anestésicos e sala computadorizada isolada.

Figura 11 - Sala de tomografia computadorizada do Hospital Veterinário de Florianópolis.



Fonte: Tanara Conzatti (2021).

Também havia um canil utilizado para manter animais resgatados pelos próprios funcionários do hospital ou que foram abandonados pelos tutores, localizado ao final do primeiro andar, com quatro baias.

A equipe era composta por sete médicos veterinários, sete médicos plantonistas, duas secretárias, quatro auxiliares administrativos, seis auxiliares de veterinários, dois auxiliares de serviços gerais e um número variado de estagiários de auxiliar e de alunos de graduação em medicina veterinária extracurriculares e curriculares.

3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E CASUÍSTICA

Durante o estágio curricular as atividades acompanhadas tinham foco na clínica médica e cirúrgica de pequenos animais. Os estagiários acompanhavam ou auxiliavam nos exames de imagem, laboratoriais e procedimentos cirúrgicos. Na internação, auxiliavam na aferição de parâmetros, administração de medicamentos, organização e limpeza das salas e baias e participavam de coletas de amostras biológicas e processamento das mesmas nos equipamentos de análises clínicas.

Pelo período de distanciamento social, que durou até metade de junho de 2021, somente duas pessoas poderiam permanecer no consultório, o veterinário e o tutor, portanto os estagiários não acompanhavam as consultas. Um auxiliar veterinário acompanhava cada paciente pesando, aferindo a temperatura corporal e os batimentos cardíacos.

3.1 PROCEDIMENTOS AMBULATORIAIS E EXAMES COMPLEMENTARES

Em relação aos procedimentos ambulatoriais e exames complementares acompanhados/realizados (n=461), houve predomínio de processamento de hemograma/leitura (n=63/13,67%) (Tabela 1). Essa casuística não corresponde necessariamente ao número de pacientes, pois um mesmo animal poderia realizar mais de um procedimento/exame.

Tabela 1 – Procedimentos ambulatoriais e exames realizados ou acompanhados durante o período de estágio curricular no HVF.

(continua)

Procedimento/Exame	Número (n)	Total (%)
Processamento/leitura de hemograma	63	13,67%
Análise de bioquímica sérica	45	9,76%
Fluidoterapia intravenosa	31	6,72%
Coleta de sangue	29	6,29%
Radiografia	27	5,86%
Aferição de glicose	25	5,42%
Aferir pressão arterial	22	4,77%
Acesso venoso	18	3,90%
Desobstrução uretral	18	3,90%
Cistocentese guiada por US	12	2,60%
Sondagem uretral	12	2,60%

		(conclusão)
Eletrocardiograma	11	2,39%
Urinalise	10	2,17%
Fluidoterapia subcutânea	9	1,95%
Indução anestésica	9	1,95%
Transfusão sanguínea	8	1,74%
Ultrassonografia	8	1,74%
Limpeza de ferida	7	1,52%
Sondagem nasoesofágica	7	1,52%
Ecocardiograma	6	1,30%
Laserterapia em (feridas)	6	1,30%
Lavagem vesical	6	1,30%
Teste FIV/FeLV	6	1,30%
Citologia de ouvido	5	1,08%
RCCP	5	1,08%
Sondagem esofágica	5	1,08%
Teste rápido de giardíase	5	1,08%
Tomografia computadorizada	5	1,08%
Teste rápido 4DX	5	1,08%
Coleta de bolsa de sangue para transfusão	5	1,08%
Coleta de urina por cateterismo	4	0,87%
Eutanásia	4	0,87%
Confecção de tala	4	0,87%
Radiografia contrastada	4	0,87%
Retirada de pontos	3	0,65%
Toracocentese	3	0,65%
Abdominocentese	2	0,43%
Teste de autoaglutinação	2	0,43%
Teste de fluoresceína	2	0,43%
Endoscopia	1	0,22%
Gasometria	1	0,22%
Rinoscopia	1	0,22%
Total	461	100%

*FeLV: Vírus da leucemia felina; FIV: Vírus da imunodeficiência felina; RCCP: Ressuscitação cérebro-cardiopulmonar; US: Ultrassom; 4DX: Erliquiose, anaplasmosse, doença de Lyme e dirofilariose.

Fonte: Dados de estágio (2021).

O exame de sangue é o exame complementar de escolha para triagem dos pacientes, sendo afetado por várias enfermidades, permitindo a avaliação de hemácias, leucócitos, enzimas, hormônios e anticorpos (VADEN, 2013; THRALL et al. 2015).

O hemograma é útil para avaliar a saúde do animal, estabelecer diagnósticos, verificar as respostas a infecções e determinar a eficácia/evolução da terapia instituída (THRALL et al., 2015).

3.2 CASUÍSTICA CLÍNICA

Durante o estágio curricular no HVF foram acompanhados 206 pacientes atendidos, predominando a espécie canina (n=136/66,02%) em relação à espécie felina (n=70/33,98%). Na distribuição por gênero, houve um equilíbrio nos atendimentos, sendo atendidos 103 (50,00%) fêmeas e 103 (50,00%) machos.

Em relação ao número total de afecções / sistemas orgânicos (n=20) houve o predomínio de casos relacionados ao sistema digestório (n=48/21,82%) (Tabela 2). A casuística não corresponde necessariamente ao número de pacientes, pois um mesmo animal poderia ter mais de uma patologia.

Tabela 2 – Casuística do grupo de afecções/sistemas orgânicos de caninos e felinos acompanhada durante o estágio curricular no HVF.

Casuística	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
Digestório e órgãos anexos	34	14	48 / 21,82%
Musculoesquelético	25	13	38 / 17,27%
Urinário	10	22	32 / 14,55%
Reprodutivo e da glândula mamária	20	1	21 / 9,55%
Tegumentar e otológico	17	3	20 / 9,09%
Neurológico	15	1	16 / 7,27%
Cardiorrespiratório	9	5	14 / 6,36%
Infectocontagioso	3	8	11 / 5,00%
Endócrino	6	2	8 / 3,64%
Intoxicação e picadas de insetos	7	1	8 / 3,64%
Preventivo	2	1	3 / 1,36%
Oftalmológico	1	-	1 / 0,45%
Total	147	73	220 /100%

Fonte: Dados de estágio (2021).

3.2.1 Casuística das afecções do sistema digestório e órgãos anexos

Dentre as afecções do sistema digestório e órgãos anexos (n=48) a gastroenterite alimentar foi a de maior casuística (n=7/14,58%) (Tabela 3).

Tabela 3 – Casuística de afecções do sistema digestório e órgãos anexos de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Afecção	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
Gastroenterite alimentar ³	7	-	7 / 14,58%
Doença Periodontal ¹	5	1	6 / 12,50%
Lipidose hepática ³	-	5	5 / 10,42%
Gastroenterite hemorrágica ³	4	-	4 / 8,33%
Corpo estranho gástrico ²	2	1	3 / 6,25%
Doença inflamatória intestinal ³	2	1	3 / 6,25%
Encefalopatia hepática ³	2	1	3 / 6,25%
Colecistite ¹	2	1	2 / 4,17%
Fecaloma ²	-	2	2 / 4,17%
Pancreatite aguda ²	2	-	2 / 4,17%
Parvovirose ^{1,5}	2	-	2 / 4,17%
Constipação ^{1,2}	1	-	1 / 2,08%
Corpo estranho esofágico ²	1	-	1 / 2,08%
Gastrite aguda ³	1	-	1 / 2,08%
Prolapso retal ¹	-	1	1 / 2,08%
Complexo Gengivite-estomatite ¹	-	1	1 / 2,08%
Giardíase ⁵	1	-	1 / 2,08%
Hemorragia Hepática ²	1	-	1 / 2,08%
Megaesôfago ⁴	1	-	1 / 2,08%
Total	34	14	48 / 100%

¹ Diagnóstico presuntivo baseado na anamnese e exame clínico.

² Diagnóstico por exame de radiografia simples.

³ Diagnóstico baseado em exame clínico, bioquímica sérica e ultrassonografia abdominal.

⁴ Diagnóstico baseado em endoscopia digestória alta.

⁵ Diagnóstico confirmado em teste rápido.

Fonte: Dados de estágio (2021).

A gastroenterite alimentar refere-se a reações de vômito e/ou diarreia após alteração abrupta na dieta alimentar. Na literatura, pode ser classificada em gastrenterite eosinofílica (imunomediada por alergia alimentar), linfoplasmocitária (resposta imune a proteínas, carne, leite e glúten ou a aditivos alimentares, como conservantes, corantes e temperos). A biópsia é o método de diagnóstico definitivo, sendo o tratamento de suporte e troca de dieta (TILLEY; SMITH JR., 2015).

3.2.2 Casuística das afecções do sistema musculoesquelético

Dentre as afecções do sistema musculoesquelético (n=38), a fratura de fêmur foi a de maior casuística (n=8 / 21,05%) (Tabela 4).

Tabela 4 – Casuística de afecções do sistema musculoesquelético de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Afecção	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
Fratura de fêmur ¹	5	3	8/21,05%
Fratura de mandíbula ¹	2	4	6/15,79%
Fratura de pelve ¹	4	2	6/15,79%
Fratura de rádio e ulna ¹	3	1	4/10,53%
Luxação coxofemoral unilateral	3	-	3/7,89%
Laceração muscular ²	2	-	2/5,26%
Fratura de costela ¹	2	-	2/5,26%
Osteossarcoma escápula ¹	1	1	2/2,63%
Osteossarcoma em ísquio ¹	1	1	2/2,63%
Hérnia perianal ^{1,2}	1	-	1/2,63%
Fratura de tíbia ¹	-	1	1/2,63%
Luxação coxofemoral bilateral ¹	1	-	1/2,63%
Total	25	13	38 / 100%

¹Diagnóstico por exame de radiografia simples.

²Diagnóstico por exame clínico-ortopédico.

Fonte: Dados de estágio (2021).

As fraturas têm alta casuística na clínica e cirurgia de pequenos animais, ocorrendo devido a traumas por acidentes automobilísticos, quedas, maus tratos ou brigas (SLATTER, 2007). São essenciais para diagnóstico e definição da terapêutica os exames de imagem, sendo a radiografia simples um exame acessível e não invasivo (RODRIGUES, 2011).

Para definição do tratamento precisa-se levar em consideração o local da fratura, as condições do animal (idade, peso e temperamento), se há mais ossos envolvidos e o estado de comprometimento dos tecidos moles (GOODWIN et al., 2005).

3.2.3 Casuística de afecções do sistema urinário

Dentre as afecções do sistema urinário (n=32), a doença do trato urinário inferior de felinos (DTUIF) foi a de maior casuística (n=14/43,75%), acometendo felinos (n=14) (Tabela 5).

Tabela 5 – Casuística de afecções do sistema urinário de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Afecção	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
DTUIF ¹	-	14	14 / 43,75%
Doença renal crônica ¹	5	2	7 / 21,88%
Urolitíase em vesícula urinária ¹	4	-	4 / 12,50%
Ruptura de vesícula urinária ²	-	3	3 / 9,38%
Cistite bacteriana ¹	1	1	1 / 6,25%
IRA ¹	-	2	2 / 6,25%
Total	10	22	32 / 100%

*DTUIF: Doença do trato urinário inferior de felinos; IRA: Insuficiência Renal Aguda.

¹ Diagnóstico baseado na anamnese, sinais clínicos, bioquímica sérica, urinálise e ultrassonografia abdominal.

² Diagnóstico por uretrografia.

Fonte: Dados de estágio (2021).

A DTUIF é mais comum em machos castrados, sedentários e obesos e sempre tem caráter emergencial, sendo o mais comum ocorrer por tampão uretral (60 a 70% dos casos). Os animais podem apresentar hematuria, dor à palpação da vesícula urinária e esta apresentar-se repleta ao exame físico e ultrassonográfico. Os exames complementares bioquímicos podem apresentar creatinina e ureia elevados e a hemogasometria demonstrar acidose metabólica, sendo importante melhorar a hipercalemia e desidratação antes da desobstrução, quando possível (CRIVELENTTI; CRIVELENTTI, 2015).

As técnicas de desobstrução devem ser preconizadas, sendo a uretostomia perineal utilizada em última opção ou em casos de múltiplas recidivas (DA ROSA, 2011). Após a desobstrução os cuidados com a dieta, enriquecimento ambiental e estímulo à ingestão de água são importantes para evitar recidivas (LACERDA et al., 2017).

3.2.4 Casuística do sistema reprodutivo e da glândula mamária

Em relação ao sistema reprodutivo e da glândula mamária (n=21), a neoplasia mamária foi a de maior casuística (n=8/38,10%), acometendo apenas fêmeas da espécie canina (Tabela 6).

Tabela 6 – Casuística do sistema reprodutivo e da glândula mamária de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Casuística	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
Neoplasia mamária ¹	8	-	8 / 38,10%
Piometra aberta ²	4	-	4 / 19,05%
Piometra de coto ²	2	-	2 / 9,52%
Distocia ³	1	1	2 / 9,52%
Piometra fechada ²	1		1 / 4,76%
Criptorquidismo ²	1		1 / 4,76%
Neoplasia testicular ¹	1	-	1 / 4,76%
Pseudociese ¹	1	-	1 / 4,76%
Total	18	2	20 / 100%

¹Diagnóstico presuntivo baseado na anamnese e sinais clínicos.

²Diagnóstico presuntivo baseado na anamnese e ultrassonografia abdominal

³Diagnóstico baseado em exame de radiografia simples

Fonte: Dados de estágio (2021).

A alta incidência de neoplasia de glândula mamária em cadela deve-se principalmente ao efeito hormonal, através do cio, ou por aplicação de progestágenos das injeções contraceptivas. A castração antes do primeiro cio reduz essa incidência em até 99,5%, sendo uma cirurgia preventiva (DALLECK; DE NARDI, 2016).

Antes de intervenção cirúrgica, em caso de neoplasia, é indicado exame radiográfico simples ou tomografia computadorizada para verificação de metástase pulmonar, além de avaliação ultrassonográfica em busca de metástases abdominais. A avaliação histopatológica dos nódulos da cadeia mamária, após sua exérese, é extremamente importante para identificar o tipo de tumor, estabelecer o estadiamento e escolher a melhor terapia quimioterápica (CRIVELLENTI; CRIVELLENTI, 2015).

3.2.5 Casuística das afecções do sistema tegumentar e otológico

Dentre as afecções do sistema tegumentar e otológico (n=20), o hemangiossarcoma foi a de maior casuística (n=4/20,00%), acometendo apenas caninos (Tabela 7).

Tabela 7 – Casuística de afecções do sistema tegumentar e otológico de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Afecção	Espécie		Total (%)
	Caninos (n)	Felinos(n)	
Hemangiossarcoma ¹	4	-	4 / 20,00%
Otite externa ¹	3	-	3 / 15,00%
Abscesso cutâneo ¹	1	1	2 / 10,00%
Neoplasia em prepúcio ²	2	-	2 / 10,00%
Dermatite fúngica por malassezia ¹	2	-	2 / 10,00%
Miase ²	2	-	2 / 10,00%
Mastocitoma ¹	1	1	2 / 10,00%
Otohematoma ²	1	-	1 / 5,00%
Melanoma palpebral ¹	1	-	1 / 5,00%
CCE ¹	-	1	1 / 5,00%
Total	17	3	20 / 100%

¹Diagnóstico baseado em exame clínico e citologia.

²Diagnóstico baseado em anamnese e exame clínico.

Fonte: Dados de estágio (2021).

O hemangiossarcoma tem origem no endotélio vascular, podendo ocorrer em qualquer lugar do corpo vascularizado, e quando visceral, pode romper e causar morte súbita (comum em baço). Para diagnóstico definitivo é necessária análise histopatológica, e por ser agressivo e bastante metastático, o diagnóstico precoce é importante. Quando possível, é necessária a ressecção cirúrgica e quimioterapias antineoplásicas, podendo associar aos protocolos o uso de inibidores da cicloxigenase-2 (CRIVELANTI; CRIVELLENTI, 2015).

Já a otite externa é uma inflamação do canal auditivo externo, afetando 20% dos cães e correspondendo a 75% das otopatias nesta espécie, causando dor, exsudato ceruminolítico e de origem multifatorial (ácaros, fungos e bactérias) (LINZMEIER; ENDO, 2009).

O diagnóstico é baseado na anamnese, exame físico, otoscopia, citologia, cultura com antibiograma, biópsia e radiografia (na presença de sinais neurológicos para avaliar o acometimento do ouvido médio). O tratamento deve incluir limpeza, anti-inflamatório, analgésico, antifúngico, antibiótico e/ou antiparasitário, conforme os agentes envolvidos (TILEY, SMITH JR, 2015).

3.2.6 Casuística das afecções do sistema neurológico

Dentre as afecções do sistema neurológico (n=16), houve um maior número de casos de doença do disco intervertebral (DDIV) (n=4/25,00%) (Tabela 8).

Tabela 8 – Casuística de afecções do sistema neurológico de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Afecção	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
DDIV ²	4	-	3 / 25,00%
Trauma vertebromedular ²	2	-	3 / 12,50%
Epilepsia idiopática ¹	4	-	2 / 12,50%
Discoespondilite cervical ²	2	-	2 / 12,50%
Neoplasia encefálica ³	2	-	2 / 12,50%
TCE ²	1	1	2 / 12,50%
Síndrome de Horner ¹	1	-	1 / 6,25%
Disfunção cognitiva canina ¹	1	-	1 / 6,25%
Total	15	1	16 / 100%

*DDIV: Doença do disco intervertebral. TCE: Trauma crânio-encefálico.

¹ Diagnóstico baseado na anamnese, exame clínico-neurológico, hemograma e bioquímica sérica

² Diagnóstico baseado na anamnese, exame clínico neurológico e radiografia simples.

³ Diagnóstico baseado em exame clínico-neurológico, radiografia simples e tomografia computadorizada.

Fonte: Dados de estágio (2021).

A doença do disco intervertebral (DDIV) ocorre pela extrusão do material pulposo do núcleo (tipo I) ou abaulamento ou protusão discal (tipo II), ambos para o canal vertebral, podendo cursar com a compressão da medula espinhal, causando dor e paraplegia (DALEGRAVE et. al., 2021).

A radiografia simples é um exame de imagem de fácil acesso, utilizado em primeiro momento para identificar possíveis alterações ósseas e de alinhamento vertebral. No entanto, a mielografia, tomografia computadorizada e ressonância magnética têm maior acurácia na avaliação de alterações relacionadas à medula espinhal e canal medular. O tratamento inicial ocorre a base de anti-inflamatórios e analgésicos e, em casos não responsivos, é necessário procedimento cirúrgico (DEWEY, 2014).

3.2.7 Casuística das afecções do sistema cardiorrespiratório

Dentre as afecções do sistema cardiorrespiratório (n=14), a cardiomiopatia dilatada foi a de maior casuística (n=6/54,55%), acometendo apenas caninos (Tabela 9).

Tabela 9 – Casuística de afecções do sistema cardiorrespiratório de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Afecção	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
Cardiomiopatia dilatada ^{1,2}	6	-	6 / 42,86%
Neoplasia cardíaca ^{2,3}	2	-	2 / 14,29%
Tromboembolismo arterial ^{1,2,3}	-	2	2 / 14,29%
Efusão pleural	-	2	2 / 14,29%
Cardiomiopatia hipertrofica ¹	-	1	1 / 7,14 %
Colapso traqueal	1	-	1 / 7,14%
Total	9	5	14 / 100%

¹Diagnóstico baseado em exame clínico.

²Diagnóstico baseado em radiografia de tórax

³Diagnóstico baseado em ultrassonografia torácica/cardiaca.

Fonte: Dados de estágio (2021).

A cardiomiopatia dilatada é uma doença do miocárdio, comumente de origem idiopática, que causa síncope, intolerância ao exercício, dispneia, edema de membros e pode levar à morte súbita. O diagnóstico ocorre associando os sinais clínicos (sopro de mitral e ou tricúspide, arritmia e mucosas pálidas), radiografia simples de tórax (evidenciando cardiomegalia, podendo encontrar também edema pulmonar e efusões pleurais), eletrocardiograma (pode apontar fibrilação atrial e arritmias ventriculares) e ecocardiografia. Para instituição do tratamento é importante estudar o paciente conforme o grau de insuficiência cardíaca, fazendo uso de inotrópicos positivos, vasodilatadores, dieta específica com restrição de sódio, balanço energético-proteico e diurético (CRIVELLENTI; CRIVELLENTI, 2015).

3.2.8 Casuística de afecções infectocontagiosas

Dentre as afecções infectocontagiosas (n=11), a leucemia viral felina (FeLV) foi a de maior casuística (n=5/45,45%) (Tabela 10).

Tabela 10 – Casuística de afecções infectocontagiosas de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Afecção	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
FeLV ¹	-	5	5 / 45,45%
Rinotraqueíte ²	-	2	2 / 18,18%
Leptospirose ³	1	-	1 / 9,09%
Cinomose ¹	1	-	1 / 9,09%
Erliquiose ^{1,4}	1	-	1 / 9,09%
FIV ¹	-	1	1 / 9,09%
Total	3	8	11 / 100%

*FeLV: Vírus da leucemia felina; FIV: Vírus da imunodeficiência felina.

¹Diagnóstico baseado em teste rápido.

²Diagnóstico baseado em anamnese e exame físico

³Diagnóstico baseado em exame de PCR. ⁴Diagnóstico baseado em esfregaço sanguíneo.

Fonte: Dados de estágio (2021).

A FeLV é uma doença infectocontagiosa causada por um retrovírus, transmitida pelas vias transplacentárias, pelo leite, pela saliva ou, ainda, por transfusões sanguíneas. Inicialmente desenvolve sinais clínicos variados, como apatia e anorexia, progredindo para a leucemia. O diagnóstico ocorre através de testes rápidos ou PCR e é importante detectar o quanto antes para isolar o animal dos demais e realizar a vacinação dos felinos negativos. O tratamento é apenas para controle dos sintomas e de infecções secundárias, baseado em terapia de suporte, antimicrobianos, uso de antivirais e imunomoduladores (ALVES, 2015; CRIVELENTI; CRIVELENTI, 2015).

3.2.9 Casuística de afecções endócrinas

Dentre as afecções endócrinas (n=8), a diabetes mellitus foi a de maior casuística (n=3/37,50%) juntamente com hiperadrenocorticismismo (n=3/37,50%) (Tabela 11). A diabetes mellitus geralmente ocorre pela destruição imunomediada de células Beta-pancreáticas secretoras de insulina, causando a falta deste hormônio na circulação e gerando hiperglicemia persistente em jejum, associada a glicosúria, podendo ser diagnosticada através de exames bioquímicos e urinários. O tratamento baseia-se na insulino terapia, através da insulina regular (curta duração), ou glargina, sintética (liberação de media duração), sendo necessário monitorar o paciente pois pode haver complicações da doença como a cetoacidose e o coma (TILLEY; SMITH JR, 2015).

Tabela 11 – Casuística de afecções do sistema endócrino de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Afecção	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
Diabetes Mellitus ¹	1	2	3 / 37,50%
Hiperadrenocorticismo ²	3	-	3 / 37,50%
Cetoacidose diabética ¹	2	-	2 / 25,00%
Total	6	2	8 / 100%

¹Diagnóstico baseado em anamnese, exames bioquímicos e urinário.

²Diagnóstico baseado em teste de supressão com dexametasona.

Fonte: Dados de estágio (2021).

3.2.10 Casuística de intoxicações e picadas de insetos

Dentre as intoxicações (n=8), a maior casuística foi por envenenamento (n=6/75,00%) (Tabela 12).

Tabela 12 – Casuística de intoxicações de caninos e felinos acompanhadas durante o estágio curricular no HVF.

Afecção	Espécie		Total (n/%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
Intoxicação / Envenenamento ¹	5	1	6 / 75,00%
Picada de abelha ¹	2	-	2 / 25,00%
Total	7	1	8 / 100%

¹Diagnóstico baseado em anamnese, exame físico e diagnóstico terapêutico de suporte.

Fonte: Dados de estágio (2021).

Intoxicações exógenas podem ocorrer de forma acidental ou intencional, através da inalação, contato ou ingestão de agrotóxicos, raticidas anticoagulantes e medicamentos, sendo que na maioria dos casos a substância envolvida não é identificada (MEDEIROS et al., 2009).

O diagnóstico ocorre pela anamnese e sinais clínicos, bem como a instituição de tratamento de suporte. Além disso, a terapia é direcionada na dependência do tipo da substância e qual foi a via (inalação, ingestão, contato), podendo ser usado carvão ativado, lavagem gástrica, banho, anticonvulsivantes e fluidoterapia (TILLEY, SMITH JR, 2015).

3.2.11 Casuística de medidas preventivas

Foram acompanhados três casos relacionados a medidas preventivas, sendo um caso de administração da vacina quíntupla em felino e dois casos de vacinação polivalente óctupla em caninos.

O protocolo vacinal polivalente em felinos era feito somente após o teste rápido para FIV e FeLV. A vacina quíntupla em felinos protege o paciente de doenças como rinotraqueíte, calicivirose, panleucopenia, leucemia felina e clamidiose, sendo recomendada a aplicação a partir das 6 a 8 semanas de vida, a cada 14 a 28 dias, até completar 16 semanas de idade ou mais, com reforço entre seis e 12 meses de idade. A revacinação, no protocolo ambicioso proposto, é trianual, em dose única, com exceção para felinos com alto risco de contrair vírus de trato superior, devendo passar a ser anual (DAY et al. 2020).

Já a polivalente em cães protege contra cinomose, hepatite infecciosa canina, leptospirose, parvovirose, tosse dos canis e coronavirose, sendo indicada a vacinação a partir das 8 semanas de vida, a cada 14 a 28 dias, até completar 16 semanas de idade ou mais, com reforço entre seis e 12 meses de idade. A revacinação, no protocolo ambicioso proposto, é trianual, em dose única (DAY et al. 2020).

3.2.12 Casuística de afecções oftálmicas

Um canino foi atendido com secreção ocular no olho direito, diagnosticado como úlcera de córnea superficial através do teste de fluoresceína, sendo prescrito antibiótico e anti-inflamatório tópico e encaminhado para um oftalmologista.

3.3 CASUÍSTICA CIRÚRGICA

Em relação aos procedimentos cirúrgicos acompanhados (n=21), houve um maior número de ovariectomias terapêuticas (n=6/28,57%) (Tabela 13). Essa casuística não corresponde necessariamente ao número de pacientes, pois um mesmo animal poderia realizar mais de uma cirurgia.

A ovariohisterectomia é o tratamento de escolha para casos de piometra, seja aberta, fechada ou, até mesmo, em casos envolvendo coto uterino, pois é considerada curativa (HANGMANN, 2018).

Tabela 13 – Casuística de procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o estágio curricular no HVF.

Procedimento	Espécie		Total (%)
	Caninos (n)	Felinos (n)	
Mastectomia unilateral	3	-	3 / 15,00%
Profilaxia dentária	2	-	2 / 10,00%
Mastectomia regional	2	-	2 / 10,00%
Ovariohisterectomia terapêutica	2	-	2 / 10,00%
Laparotomia exploratória	2	-	2 / 10,00%
Cistotomia	2	-	2 / 10,00%
Cistorrafia	-	2	2 / 10,00%
Tarsorrafia	1	-	1 / 5,00%
Ovariohisterectomia eletiva	1	-	1 / 5,00%
Orquiectomia eletiva	1	-	1 / 5,00%
Exérese de tumor cutâneo	-	1	1 / 5,00%
Esofagostomia para colocação de sonda esofágica	1	-	1 / 5,00%
Total	17	3	20 /100%

Fonte: Dados de estágio (2021).

4 RELATOS DE CASO

4.1 LEIOMIOSSARCOMA EM COTO UTERINO ASSOCIADO À INFECÇÃO POR *ESCHERICHIA COLI* EM CANINO

4.1.1 Introdução

A palavra piometra remete ao acúmulo de pus no lúmen do útero (FOSSUM, 2014), comum em fêmeas caninas idosas, ocorrendo pela demora na regressão do endométrio após a luteólise, mantendo um longo diestro e secreção de progesterona, reduzindo a imunidade e favorecendo a proliferação de microrganismos patogênicos (DUKES, 2015). Na piometra uterina, a *Escherichia coli* é o patógeno mais isolado, habitante da microbiota vaginal, bem como de infecções do trato urinário, aderindo facilmente aos receptores específicos estimulados no endométrio pela progesterona (HANGMAN, 2018).

A piometra de coto ocorre no tecido remanescente do corpo uterino após a cirurgia de castração, caso o tecido uterino não seja completamente removido (SILVEIRA, 2015). Para Hangmann (2018), o diagnóstico desta alteração é baseado na anamnese, exame físico, exames de sangue e ultrassonografia abdominal. Para evitar a piometra de coto é necessário cuidado por parte do médico veterinário durante o procedimento de castração, evitando que reste tecido ovariano residual ou coto uterino (ALEXIS et al., 2009). A aplicação de técnicas bem executadas na cirurgia de castração de fêmeas evita piometra de coto, síndrome do ovário remanescente, e neoplasias ovarianas ou uterinas (FOSSUM, 2014).

A incidência de neoplasias uterinas de musculatura lisa ou epitelial é considerada rara, representando 0,3 a 0,4% dos tumores em fêmeas caninas e, destes, entre 85% e 90% são benignos (leiomiomas) e 10% são leiomiossarcomas (LMS). Mais raros são os carcinomas, fibromas, fibrossarcomas, entre outros, tendo todos como principal fator de risco a fêmea intacta (TILLEY; SMITH JR, 2015). Não há predisposição racial, acometendo animais de meia idade a idosos, sendo a maioria encontrada como achado acidental de necropsia (FOSSUM, 2014; DALECK; DENARDI, 2016).

Os leiomiomas são os mais frequentes e benignos, apresentados como nódulos firmes, bem delimitados e esbranquiçados (SANTOS et al., 2008; FOSTER, 2009). Os tumores malignos são raros, sendo os leiomiossarcomas similares aos leiomiomas, porém são invasivos, com formação lenta de metástase e, normalmente, assintomáticos, exceto quando há compressão do trato gastrointestinal ou urinário (JOHNSON, 2006; FOSSUM, 2014).

Um estudo retrospectivo de 2000 a 2009 com 7164 cães, em Portugal, analisou 8781 neoplasias (alguns animais tinham mais de uma neoplasia), sendo que as fêmeas representam mais da metade de casos (58,3%) e, destes, 253 (4,94%) eram relativos ao aparelho reprodutor feminino. 14,2% eram uterinas, sendo a maioria leiomioma (20,60%) e nenhum caso de leiomiossarcoma (SALVADO, 2010).

Nos casos de neoplasia uterina, a ultrassonografia abdominal pode identificar massas homogêneas ou heterogêneas de ecogenicidade variável, achados semelhantes à piometra de coto, dificultando sua diferenciação, inclusive de granulomas e abscessos (KEALLY, 2012).

O tratamento para leiomiossarcoma de útero em cadelas é a remoção cirúrgica, sendo o mesmo procedimento para casos de piometra de coto. No entanto, no transcirúrgico de casos neoplásicos, se faz extremamente importante a inspeção da cavidade abdominal na busca de focos metastáticos, mesmo que sejam baixos os índices (DALECK; DENARDI, 2016).

Embora a quimioterapia atue como auxiliar na prevenção de metástases na maioria dos casos, o leiomiossarcoma tem taxa de resposta de 50% associando doxorrubicina e outros quimioterápicos, como ifosfamida, ciclofosfamida e dacarbazina (DIAS et al., 2017).

Mediante o exposto, o presente relato busca descrever um caso de leiomiossarcoma em coto uterino associado a infecção por *Escherichia coli* em uma cadela, acompanhado durante o estágio curricular no Hospital Veterinário de Florianópolis.

4.1.2 Relato de caso

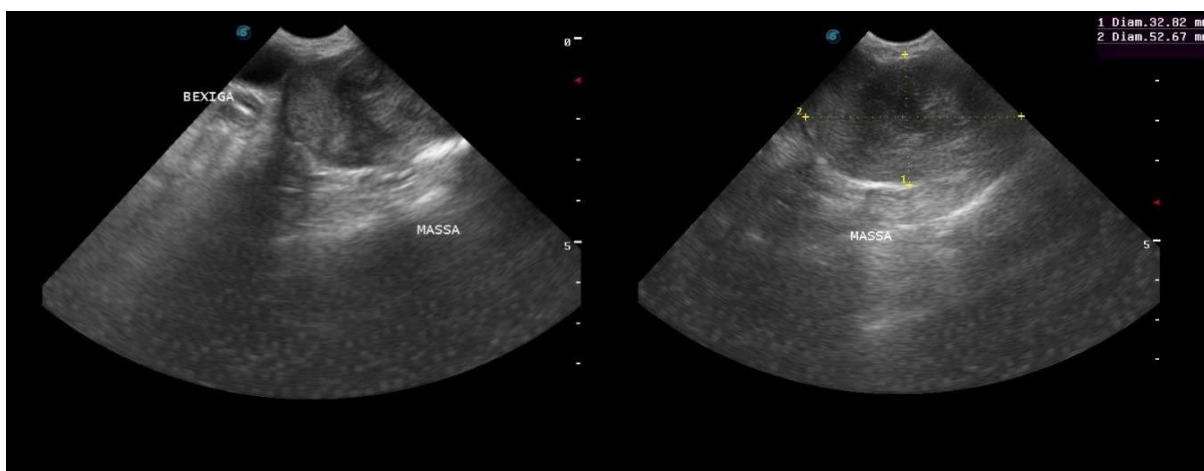
Chegou para atendimento no HVF uma canina, fêmea, raça poodle, 15 anos e castrada, nulípara, apresentando algia e tensão abdominal. Na anamnese, o tutor relatou que desde a noite anterior o animal apresentava-se em postura “arqueada”, agitado, apresentando movimentos repetitivos e desconforto abdominal, não havendo alterações em fezes e urina. Recebia alimentos cozidos e triturados (fígado, peito de frango e legumes) pelo fato da dificuldade de apreensão e mastigação, por haver poucos dentes na cavidade oral. Além disso, há aproximadamente dois meses a paciente havia apresentado episódios de vômito e diarreia, sendo automedicada pelo tutor (sem lembrar o nome do fármaco administrado), apresentando melhora. O animal não estava com a vermifugação em dia.

Durante o exame clínico apresentou temperatura retal de 38°C, frequência cardíaca (FC) de 122 bpm, frequência respiratória (FR) de 32 mrm, tempo de perfusão capilar (TPC) menor que 2 segundos, hipoglicemia (73 mg/dL) e mucosas normocoradas, além de presença de discreta secreção vulvar mucopurulenta.

Como próximo passo foram solicitados exames complementares (hemograma completo; bioquímica sérica: alaninaaminotransferase - ALT, fosfatase alcalina - FA, gamaglutamil transferase - GGT, ureia, creatinina, e proteínas totais e frações; glicemia; ultrassonografia abdominal e urinálise - coleta por cistocentese guiada por ultrassom).

No hemograma, foi observado somente o hematócrito aumentado (54,5%) (Anexo A), enquanto no perfil bioquímico observou-se aumento de FA (212 U/L) e GGT (25 U/L) (Anexo B). Na ultrassonografia foi visualizada uma massa heterogênea com ecogenicidade mista medindo aproximadamente 3,28 x 5,26 cm junto à vesícula urinária, em topografia de corpo uterino e com discreta quantidade de líquido com celularidade em seu interior sugestivo de neoplasia ou piometra de coto uterino (Figura 12). Na urinálise observou-se urina de aspecto ligeiramente turvo, com presença de raras hemácias (<5 por campo), cristais de estruvita (fosfato triplo +) e relação de proteína / creatinina (RPC) em 0,3mg/dL (Anexo C).

Figura 12 – Exame de ultrassonografia abdominal em modo B demonstrando massa heterogênea de ecogenicidade mista em região de corpo uterino com discreta quantidade de líquido intraluminal com celularidade sugerindo piometra de coto ou neoplasia de coto



Fonte: HVF (2021).

Conforme os achados de exame, foi solicitado exame de eletrocardiograma como exame pré-cirúrgico de laparotomia exploratória e radiografia de tórax para pesquisa de metástase. No exame de eletrocardiografia não foram identificadas alterações na atividade elétrica cardíaca (Anexo D) e na radiografia de tórax não foram identificadas metástases pulmonares. A partir disto, como terapia analgésica, foi prescrito cloridrato de tramadol (3 mg/kg), três vezes ao dia (TID), via oral (VO) por quatro dias e orientado sobre o jejum alimentar (8 horas) e hídrico (4 horas) para realização da cirurgia.

No dia do procedimento cirúrgico foi identificada uma massa de aproximadamente 3 x 4 cm em região de coto uterino, apresentando consistência firme, de coloração esbranquiçada (Figura 13) aderida ao cólon descendente e à vesícula urinária.

Figura 13 – Neoplasia extraída em topografia de coto uterino em cadela com histórico de castração



Fonte: HVF (2021).

A estrutura foi extraída, sendo o conteúdo intraluminal encaminhado para cultura bacteriana/antibiograma e parte do tecido encaminhado em formol a 10% para histopatologia. Como prescrição pós-cirúrgica foi usado meloxicam 0,75mg/kg nas primeiras 24h e 0,25 mg/kg nos 3 dias consecutivos, uma vez ao dia (SID), por VO, enrofloxacin (5mg/kg), uma vez ao dia (SID), por VO, durante sete dias, tramadol (3mg/kg), TID, por VO, durante 4 dias, dipirona (25mg/kg), TID, por VO, durante 5 dias e rifocina *spray*, uso tópico sobre a ferida cirúrgica, BID, até a retirada dos pontos. Também foi orientado o uso de colar elizabetano e/ou roupa cirúrgica, bem como manter o paciente em repouso e retornar em 7 dias para reavaliação e retirada de pontos ou antes, se houvesse presença de novos sintomas.

No retorno, o animal estava bem, se alimentando normalmente, sem apresentar quadro de diarreia ou vômito. Quanto ao resultado da citologia, esta apontou análise positiva para *Escherichia coli* (10.000.000 UFC/mL) compatível com piometra de coto, sensível a todos antimicrobianos testados (Anexo E) e o resultado da histopatologia compatível com leiomiossarcoma de grau 1 (Anexo F), sendo indicada consulta com o oncologista.

Em consulta de retorno com o oncologista, devido às características do tumor pouco invasivo e baixa taxa de resposta à quimioterapia, isto aliado à idade e estado geral do animal, optou-se por não fazer tratamento e manter monitoramento, com consultas a cada 6 meses.

4.1.3 Discussão

A castração precoce de cadelas é o procedimento cirúrgico mais realizado na prática veterinária, indicado para controle populacional e, também, para prevenção de tumores de mama, neoplasias de ovário e útero e infecções uterinas (HOWE, 2006).

A ocorrência da piometra tende a ocorrer de 2 a 4 meses após o cio em cadelas intactas (HANGMANN, 2018), porém em caso de piometra de coto uterino em animais castrados incorretamente pode ocorrer a qualquer período, enquanto casos de neoplasia uterina podem ocorrer em animais a partir da meia idade (TILLEY; SMITH JR, 2015). Concordando com a literatura, o animal do relato correspondia a uma fêmea nulípara com histórico de castração, desenvolvendo piometra de coto associada a um leiomiossarcoma, caracterizando um procedimento realizado inadequadamente. Dos sinais clínicos apresentados pelo animal, houve a presença de tensão abdominal e secreção vulvar, podendo ser relacionada tanto à piometra de coto como à neoplasia uterina (ALEXIS et al., 2009). Além destes sintomas, pode haver aumento de volume abdominal em casos de neoplasias uterinas. (DALECK; DE NARDI 2016).

A ultrassonografia abdominal é um exame seguro, acessível e mais indicado que a radiografia para localizar alterações e tumores em órgãos e/ou na cavidade abdominal (THRALL, 2014). Porém, granulomas, abscessos, neoplasia de coto uterino e piometra de coto são de difícil diferenciação (KEALLY, 2012), necessitando uma abordagem cirúrgica e análise histopatológica para elucidação do caso, o que foi realizado no paciente relatado. Um granuloma no coto uterino pode ocorrer depois de uma ovariosterectomia, ou no local de uma ligadura de vaso sanguíneo, de fio não absorvível (THRALL, 2014).

Em casos de infecção uterina pode-se observar neutrofilia, anemia normocítica normocrômica, hiperproteinemia, desidratação e, em casos de desidratação grave, ALT e FA elevadas, enquanto em casos de neoplasias uterinas não se observam anormalidades no hemograma, bioquímica e urinálise diretamente ligados à patologia (TILLEY; SMITH JR, 2015). No entanto, o paciente descrito não apresentou leucocitose, apenas hematócrito aumentado, provavelmente causado por um quadro de desidratação, aumento de GGT podendo ser por colestase ou uso de corticóides, como a prednisolona e o aumento de FA pode ser relacionado a casos de colestase, indução por fármacos e doenças crônicas, como neoplasia (WILLARD et al, 1993; CENTER et al., 1997; THRALL et al., 2015).

A radiografia torácica é recomendada para averiguar metástases pulmonares, porém, a tomografia computadorizada é mais eficiente por identificar lesões menores, a partir de 1 mm (NEMANIC; LONDON; WISNER, 2006; TILLEY; SMITH JR, 2015). No animal descrito não

foram identificadas metástases pulmonares através da radiografia, porém, através deste exame, só são visíveis nódulos a partir de 7 a 9 mm (NEMANIC; LONDON; WISNER, 2006).

Quando optado por tratamento com quimioterapia, a doxorubicina é o fármaco de escolha em casos de leiomiossarcoma, porém há estudos em andamento com resultados promissores com o uso de mesilato de eribulina associado à gentamicina e outros medicamentos. O uso de doxorubicina concomitante à ifosfamida apresenta bons resultados, porém é necessário associar a mesma protegendo a vesícula urinária de compostos reativos das oxazafosforinas (eliminadas pela via urinária) que podem causar cistite hemorrágica (SETOLA et al., 2017; DIAS et al., 2017).

Para o aspecto de processo infeccioso também se associa antibioticoterapia baseada no antibiograma, podendo ser utilizados trimetropin, sulfonamidas, ampicilina, amoxicilina com clavulanato e cefozolina, indicando o uso de antibióticos de amplo espectro de primeira geração até o resultado, como a amoxicilina com clavulanato (RABELO, 2005). O resultado de cultura e antibiograma da secreção uterina foi de *E. coli* e era uma cepa sensível, não sendo necessária a troca de antibióticos já prescritos.

Sendo o leiomiossarcoma um sarcoma de partes moles, o prognóstico deve ser baseado conforme o sistema tumor-nódulos-metástase (TNM), considerando tamanho, profundidade, graduação de malignidade conforme a histopatologia, se há metástase, qual a localização e qual a distância do tumor. Além disso é importante considerar as condições do paciente, como idade e margens que possam comprometer o tratamento cirúrgico (MANOEL et al., 2017; WERNER; WERNER 2009).

Desta forma, por exemplo, tumores com diâmetro menor que 5cm tem seu prognóstico mais favorável (ALMEIDA et al., 2014) e, embora metástases costumem afetar baço, duodeno, mesentério e seus linfonodos, a metástase é lenta (DIAS et al., 2014; FOSSUM, 2014).

4.1.4 Conclusão

A piometra de coto pode ser prevenida com a correta utilização de técnicas cirúrgicas no procedimento cirúrgico de castração, mostrando a importância de o profissional veterinário estar atualizado em sua área.

Por outro lado, embora a incidência de tumores malignos nesta região seja baixa, é uma hipótese que não pode ser descartada. Ressalta-se a importância dos exames complementares, como o ultrassom para identificar patologias associadas a resquícios dos órgãos reprodutivos.

4.2 CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM FELINO

4.2.1 Introdução

O carcinoma de células escamosas (CCE) é uma patologia neoplásica maligna das células do epitélio escamoso, comum na rotina veterinária, acometendo principalmente a pele de felinos, tendo como fatores predisponentes a radiação solar como fator principal, animais de pele e pelos claros, despigmentados ou regiões glabras (MELLO et al., 2018).

Além disso, o papilomavirus, queimaduras, lesões e inflamações também podem ser atribuídas como causa para o desenvolvimento da CCE, doenças que causem despigmentação, como vitiligo ou pênfigo eritematoso ou, ainda, lúpus eritematoso discoide. Por essa razão, felinos de 9 a 14 anos de idades e de pelagem clara, especialmente facial, são os mais acometidos (DALECK; DE NARDI, 2016).

O CCE é considerado um tumor invasivo, ulcerativo e com ocorrência de proliferações, geralmente visíveis pela localização, não tem alto potencial metastático, contudo, tende a fazer infiltração no local de ocorrência (ESPLIN et al., 2003; MAIOLINO et al., 2002). As lesões do tipo ulcerativas tendem a aparecer mais na região de nariz (80% a 90% dos casos), nas orelhas, acometendo a região de pina (50%) e nas pálpebras (20%) (SCOTT et al., 1996).

Um estudo retrospectivo de 2000 a 2009 com 2528 felinos e 2613 neoplasias analisadas apontou que a média de idade dos felinos acometidos é de 10 anos. Do total analisado, 86,60% eram malignas e 50,90% foram caracterizados em carcinomas. Os carcinomas de pele ficaram em 2º lugar, representando 8,6% do total, sendo destes 44% carcinoma de células escamosas (SALVADO, 2009).

O diagnóstico citopatológico varia com o grau de diferenciação, tendo células escamosas intermediárias a superficiais bem diferenciadas ou anaplásicas (poligonais, aspecto de girino). Para determinação de malignidade é avaliada a diferença de grau de maturação nuclear e de citoplasma, diferenciação de tamanho nuclear e celular, lises nucleóides e pleomorfismo marcados e vacúolos no citoplasma perinuclear (GARMA AVINA, 1994).

Um CCE bem ou moderadamente diferenciado apresenta maturação dos ceratinócitos neoplásicos ordenados, formando as características pérolas córneas, com índice mitótico variável. Quanto mais maligno, mais camadas de ceratinócitos basais, menos pérolas córneas, maior índice mitótico e anaplasia. Se pouco diferenciado, as características de malignidade acentuam-se (DALECK; DE NARDI, 2016).

Para RASKIN (2003), os principais diagnósticos diferenciais são carcinoma basoescamoso, papiloma escamoso, epitelioma cornificado intracutâneo, outros carcinomas ou tumores como de folículos piloso e, também, outras doenças de pele, como pênfigo e/ou lúpus eritematoso.

Após o diagnóstico, a preferência de tratamento é a cirurgia excisional, buscando a maior margem possível, porém devido à localização, geralmente facial, isso pode não ser possível. Assim, as opções são associar com radioterapia, criocirurgia, quimioterapia e terapia fotodinâmica com uso de agente fotossensibilizador (RASKIN, 2003; FERREIRA et al., 2006). A eletroquimioterapia potencializa o resultado da quimioterapia, considerando maior absorção do fármaco pelas células tumorais através do uso de pulsos elétricos aplicados no local após injeção intralesional (SPUGINI; BALDI, 2014).

O prognóstico é bom para pacientes tratados cirurgicamente (GUERIOS et al., 2005), porém mau para tumores acima de 2 cm de diâmetro, ou classificados como invasivos ou indiferenciados (CRYSTAL, 2004).

Mediante isto, este relato tem como objetivo descrever um caso de carcinoma de células escamosas em felino atendido no Hospital Veterinário de Florianópolis durante estágio curricular.

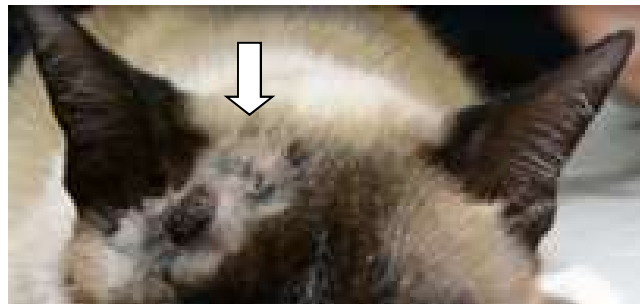
4.2.2 Relato de caso

Foi atendido no Hospital Veterinário de Florianópolis um felino, fêmea, SRD, com idade aproximada de 5 anos (adotada da rua quando adulta), encaminhado de outra clínica para uma consulta com oncologista devido a lesões ulcerativas e dificuldade respiratória possivelmente relacionadas a um processo neoplásico. O paciente já estava passando por tratamento com amoxicilina com clavulanato de potássio e tramadol.

Na avaliação clínica apresentou frequência cardíaca (120bpm) e respiratória (20 mpm) dentro da normalidade, normohidratação, mucosas rosadas, TPC menor que 2 segundos e linfonodos sem alterações. No exame físico observou-se lesão ulcerativa e alopecia acima da pálpebra direita até próximo à orelha (Figura 14), dificuldade respiratória, aumento facial na

área direita e narina direita obstruída. A partir disto foi solicitado hemograma completo e bioquímica sérica (alanina aminotransferase, fosfatase alcalina, creatinina, ureia, proteínas totais, albumina e globulinas) e tomografia de crânio e biópsia intranasal através de rinoscopia. No entanto, pelas condições financeiras da tutora, a mesma optou pela realização, apenas, dos exames de sangue, rinoscopia e biópsia intranasal.

Figura 14 – Lesão ulcerativa e alopecica (seta) em face de felino



Fonte: Tanara Conzatti (2021).

No eritrograma não foram identificadas alterações, já o leucograma apresentou discreta leucocitose ($29.400/\text{mm}^3$) com neutrofilia ($22.344/\text{mm}^3$) e eosinofilia ($3528 / \text{mm}^3$). O perfil bioquímico não demonstrou anormalidades.

No dia seguinte foi realizado o procedimento de rinoscopia, sendo visualizados nódulos intranasais extensamente alastrados e hiperemia da mucosa (Figura 15), sendo extraída a porção de tecido exuberante, armazenada em formol 10% e enviada para avaliação histopatológica. No mesmo momento cirúrgico ocorreu a exérese de lesão cutânea localizada na face direita em região cranial e a amostra foi, também, enviada à histopatologia.

Figura 15 – Rinoscopia em felino demonstrando nódulos intranasais e hiperemia da mucosa.



Fonte: Tanara Conzatti (2021).

Foi receitado amoxicilina com clavulanato (25 mg/kg), duas vezes ao dia (BID), por 6 dias, VO, meloxicam (0,1 mg/kg), uma vez ao dia (SID), por 4 dias, VO, dipirona (25 mg/kg), BID, por 3 dias, VO, rifamicina *spray* após limpeza local da ferida cirúrgica da face, uso do colar elisabetano até total cicatrização e retorno em 5 dias para reavaliação e retirada de pontos.

O resultado histopatológico das lesões intranasais demonstrou carcinoma invasivo de células escamosas incipiente e a lesão cutânea foi caracterizada como carcinoma invasivo de células escamosas (bem diferenciado).

Após aproximadamente 20 dias, na reavaliação com o oncologista, a paciente apresentou secreção nasal amarelada, unilateral, sendo indicado tratamento para afecção respiratória com amoxicilina com clavulanato de potássio (15 mg/kg), BID, VO, durante 6 dias, e meloxicam (0,15 mg/kg), SID, por 4 dias, VO, com retorno em 7 dias para reavaliação e discussão sobre instituição do protocolo quimioterápico. Até o final da confecção deste trabalho a paciente não havia retornado para nova avaliação com a oncologista.

4.2.3 Discussão

Felinos são mais acometidos por casos de carcinoma de células escamosas que cães, com predisposição para animais de pelagem branca, clara ou em regiões alopecicas a despigmentada, com idade média de 9 anos (RHODES; WERNER, 2014). Neste relato, o felino em questão tinha pelagem clara com coloração similar ao siamês, mas não se encaixava no perfil etário, sendo um animal com idade aproximada inferior à média acometida por esta neoplasia.

O CCE tem casuística elevada em países de clima tropical, como o Brasil, pela incidência solar e exposição de animais errantes (FERREIRA et al., 2006). O que pode ser relacionado a paciente descrita, pois até seu resgate poderia estar tendo exposição constante aos raios ultravioletas.

As lesões são crostosas, proliferativas e ulcerativas, podendo sangrar facilmente (HNILICA, MEDLEU, 2003). As lesões deste caso eram crostosas, porém não apresentavam sangramento em nenhuma das regiões (pele ou narinas).

Embora a citologia e a histopatologia estabeleçam a definição diagnóstica, conforme a extensão, aderência ou infiltração da massa tumoral, a tomografia computadorizada também é usada para avaliar a invasão de tecidos moles adjacentes, com eficácia de até 95,2% (GHIRELLI et al, 2013). No caso relatado, foi solicitado a tomografia de crânio, porém a tutora não autorizou por motivos financeiros.

Embora os exames hematológicos, bioquímicos e de urinálise geralmente encontrem-se dentro da normalidade, o hemograma pode estar compatível com um quadro de inflamação crônica (TILLEY; SMITH JR, 2015), com discreta leucocitose e neutrofilia, como foi observado no caso relatado.

A classificação da neoplasia conforme o grau histopatológico fica a critério do histopatologista, sendo que os carcinomas podem ser classificados como bem diferenciados, pouco diferenciados e indiferenciados. Quanto mais indiferenciado, mais maligno (DALLECK, DENARDI, 2016). A classificação da neoplasia o presente relato indica o melhor prognóstico, por ser considerado incipiente (nasal) e bem diferenciado (cutâneo).

Apesar da literatura não relatar metástases, é importante reavaliações periódicas no animal, fazendo exames como radiografia torácica e ultrassonografia abdominal trimestral por dois anos após a cirurgia. Além disso, o tutor deve ser informado sobre a possibilidade de reincidência neoplásica em casos de contínua exposição solar, devendo limitar esta exposição (especialmente nos horários de pico de sol, entre 10h e 16h), usar protetor solar em regiões com pele clara desprovidas de pelo ou com pouca quantidade, como, por exemplo, o pavilhão auricular (RHODES; WERNER, 2014).

A ampla excisão cirúrgica pode ser localmente curativa (CRIVELENTI; CRIVELENTI, 2015), como ocorrido na lesão cutânea na face por haver margem cirúrgica lesão, diferentemente da lesão intranasal, onde as lesões estavam distribuídas por toda região avaliada.

Outra possibilidade é o uso da criocirurgia, utilizado em lesões cutâneas de até 0,5cm em diâmetro, quando a excisão é difícil ou rejeitada pelo tutor. Como faz o congelamento do

tecido, pode causar edema, necrose, cicatrização por segunda intenção, mas tem boa regressão (FERREIRA, 2006). Em um estudo com 90 felinos tratados por criocirurgia com nitrogênio líquido para CCE em plano nasal, 84% não tiveram recidiva por 12 meses, e 58% não tiveram recidiva após 87 meses (CLARKE, 1991). No entanto, esta terapia não estava disponível no HVF.

Quando a cirurgia não é possível, várias alternativas estão disponíveis dentro da oncologia como quimioterapia sistêmica ou intralesional, eletroquimioterapia, terapia fotodinâmica, radioterapia, porém a escolha da modalidade terapêutica deve ocorrer conforme o estado geral do paciente, o estadiamento do tumor, a precocidade do diagnóstico, a disponibilidade e colaboração do tutor e o acesso às terapias (FERREIRA et al., 2006).

Dentre estas, podemos citar a terapia fotodinâmica é aplicada em região cutânea facial, porém há pouca eficácia quando os tumores são invasivos, podendo ser preconizada radioterapia com feixe externo apresentou eficácia considerável (TILLEY, SMITH JR, 2015).. As vantagens da terapia fotodinâmica são não ocorrer resistência ao fármaco, sendo possível a repetição da técnica, há pouco desfiguramento comparativamente ao procedimento cirúrgico, porém é mandatório ausência de luz solar devido a fotossensibilização (FERREIRA, 2006)

Em estudo de CUNHA et al. (2014), utilizando radioterapia em 6 felinos com estágio avançado de CCE foram submetidos a radioterapia com aplicação de 12 frações de 4 Gy, três vezes por semana demonstrou remissão completa de 83% das lesões até dois meses após o fim do tratamento, com efeitos colaterais leves e reversíveis. Estas terapias também não foram consideradas no presente relato por não haver acesso aos equipamentos/técnicas.

Já em relação a quimioterapia, é feita de forma sistêmica, podendo ser utilizado carboplatina (250 mg/m^2) ou doxorrubicina (30 mg/m^2), a cada 21 dias, por 4 a 6 sessões, mas com resultados menos animadores se comparados às outras modalidades. Outra possibilidade é o uso decarboplatina ($1,5 \text{ mg/cm}^3$) a cada 7 dias, intralesional, até a remissão das lesões. (DALECK, DENARDI, 2016). A cisplatina tem excelentes resultados em caninos, ainda que com potencial nefrotóxico, porém em felinos pode causar edema pulmonar, hidrotórax, e não deve ser associado ao uso de anti-inflamatórios não esteroidais (TILLEY, SMITH JR., 2015).

Ou ainda, é possível o uso de eletroquimioterapia com o uso de pulsos elétricos e bleomicina intralesional (1 UI/cm^3) (DALECK, DENARDI, 2016). A eletroquimioterapia alcança um controle total em 77% dos pacientes (SPUGINI et al., 2009).

No caso descrito, a próxima etapa seria a quimioterapia a, após controle de provável infecção secundária em região nasal, no entanto, o animal não retornou mais a clínica para

continuidade do tratamento, podendo resultar recidivas ou aumento das lesões em um curto espaço de tempo, caso haja manutenção da exposição solar (CRYSTAL, 2004).

Apesar da indicação do uso de agentes imunomoduladores em felinos para evitar novas lesões, como o imiquimode, pode ocorrer efeitos adversos como eritema, diarreia e alterações em exames sanguíneos (elevação de enzimas hepáticas e neutropenia) (TILLEY, SMITH JR., 2015). Além da eletroquimioterapia existe a imunoterapia ativa, estimulando o sistema imune através da micobacteria Calmette-Guerin (BCG). A ativação de macrófagos, através da introdução das bactérias no tumor, deve destruir as células tumorais (ROSOLEM et al., 2012).

O prognóstico pode variar de favorável a reservado, dependendo do momento em que o tratamento é iniciado, do estadiamento da doença, do tamanho e local do tumor, e das condições do paciente (DALECK, DENARDI, 2016).

4.2.4 Conclusão

O CCE é uma neoplasia comum na rotina oncológica veterinária, tendo melhor prognóstico se diagnosticado precocemente. Embora de baixo índice metastático, costuma ocorrer em regiões onde há o comprometimento nasal e ocular, sendo mais danoso que a malignidade tumoral em si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular no Hospital veterinário de Florianópolis na área de medicina veterinária proporcionou a vivência de diversos casos clínicos, com maior ocorrência de patologias do sistema digestório e de glândulas anexas. Em relação aos procedimentos cirúrgicos observou-se uma maior casuística de ovariectomia terapêutica em fêmeas caninas.

Durante o estágio foi possível acompanhar um caso de leiomiossarcoma e infecção por *Escherichia coli* em coto uterino, de rara ocorrência, com resolução cirúrgica e terapia antimicrobiana, demonstrando a importância do uso dos exames de imagem e procedimentos de castração adequadamente realizados. O outro caso relacionou-se a um carcinoma de células escamosas em felino, acometendo a região da face e porção intranasal, tendo uma casuística comum na rotina clínica veterinária.

Esta etapa da faculdade de medicina veterinária permite ao aluno a vivência prática, adquirindo experiência na rotina clínica, acompanhando diversos casos e profissionais, desenvolvendo trabalho em equipe e senso crítico, essencial para o crescimento profissional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T. G. **Análise da expressão do fator de crescimento HER-2 e do fator de transcrição FOXO3a em sarcomas e carcinosarcomas uterinos.** 2014. 108 f. Dissertação (Programa de Obstetrícia e Ginecologia) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- CENTER, S. A.; HORNBuckle, W. E.; HOSKINS, J. D.: O Fígado e o Pâncreas. *In*: HOSKINS, J. D. **Pediatria Veterinária Veterinária CaesCães e Gatos do Nascimento aos 6 meses**, 2. ed., Rio de Janeiro: Interlivros, 1997.
- CLARKE, R. E. **Cryosurgical treatment of feline cutaneous squamous cell carcinoma.** Aust Vet Pract, 1991.
- CRIVELLENTI, S. B., CRIVELLENTI, L.Z. **.Casos de rotina em medicina veterinária de pequenos animais.** 2 ed. São Paulo: MedVet, 2015.
- CRYSTAL, M. A. Carcinoma Escamocelular Cutâneo. *In*: NORSWORTH, G. D.; CRYSTAL, M. A.; GRACE, S. F.; TILLEY, L. P. **O Paciente Felino: Tópicos Essenciais de Diagnóstico e Tratamento.** 2. ed. Barueri: Manole, 2004.
- CUNHA, S. C. S. et al., **A utilização da radioterapia no tratamento do carcinoma de células escamosas cutâneo felino avançado.** Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e ZootecniaZootécnica. 2014. DisponívelDisponível em: <https://www.scielo.br/j/abmvz/a/dPcSCQcCcXYDBVCTv5cgD6L/?lang=pt>. Acessado em: 25 mai. 2021/5/2021.
- DALECK, C. R.; NARDI, A. B. **Oncologia em CaesCães e Gatos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017.
- DALEGRAVE, S. et al., **A importância do diagnóstico precoce na doença do disco intervertebral (Hasen Tipo I) em canino: Relato de caso.** 2021. DisponívelDisponível em: <http://www.pubvet.com.br/artigo/7786/a-importancia-do-diagnostico-precoce-na-doencadedila-do-disco-intervertebral-hasen-tipo-i-em-canino-relato-de-caso>. Acesso em: 30 mai. 2021.
- DAY, M. J., et al. Guidelines for the vaccination of dogs and cats. **Journal of Small Animal Practice.** WSAVA, 2020. Disponível em: <https://wsava.org/wp-content/uploads/2020/08/Recommendations-on-vaccination-for-Latin-American-small-animal-practitioners-Portuguese.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- DEWEY, C. W. **Cirurgia da coluna cervical.** *In*: FOSSUM, T. W. **Cirurgia de pequenos animais.** Em Fossum Cirurgia de pequenos animais 4. ed., 2014.
- DIAS, C. C. et al., Leiomiossarcoma renal, diagnóstico e tratamento: relato de caso. 2017. **Revista Investigação.** Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Desktop/2025-Texto%20do%20artigo-8592-1-10-20170629%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Desktop/2025-Texto%20do%20artigo-8592-1-10-20170629%20(3).pdf). Acesso em: 01 jun. 2021.

DIAS, C.; HUPPES, R. R.; PAZZINI, J. M.; CASTRO, J. L. C.; QUARTERONE, C.; PAOLOZZI, R. J.; DA SILVA, J. C. Leiomiossarcoma renal, diagnóstico, e tratamento – Relato de caso. **Revista Oficial CBCAV**, v. 16, n. 2, p. 15-19, 2017.

DUKES, H. H. **Fisiologia dos animais domésticos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

ESPLIN, D. G.; WILSON, S. R.; HULLINGER, G. A. Squamous Cell Carcinoma of the Anal Sac in Five Dogs. **Veterinary Pathology**, Madison, v. 40, n. 3, p. 1-3, 2003.

FERREIRA, I.; RAHAL, S. C.; FERREIRA, J.; CORREA, T. P. **Terapêutica no Carcinoma de Células Escamosas Cutâneo em gatos**. Ciência Rural, 2006.

FOSSUM, T. W. **Cirurgia de pequenos animais**. 4 ed. Rio de Janeiro: Elvieser, 2014.

FOSTER, R. A. Sistema Reprodutor da Fêmea. In: : MCGAVIN, M. D.; ZACHARY, J. F. **Bases da Patologia em Medicina Veterinária**. 4. ed., Elsevier, 2009.

GARMA-AVIÑA, A. The cytology of squamous cell carcinomas in domestic animals. **J. Vet. Diagn. Invest.**, 1994. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8068757/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

GHIRELLI, C. O. et al. Comparison of standard radiography and computed tomography in 21 dogs with maxillary masses. **Journal Veterinary Dental**, 2013.

GOODWIN, R. C.; GAYNOR, T.; MAHAR, A.; OKA R.; LALONDE, F. D. Intramedullary Flexible Nail Fixation of Unstable Pediatric Tibial Diaphyseal Fractures, **Journal of Pediatric Orthopaedics**, 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16199933/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

GUÉRIOS, S. D.; PÊS, M. S.; GUIMARÃES, F. V.; ROBES, R. R.; RODIGHERE, S. M.; MACEDO, T. R. Carcinoma de células escamosas do plano nasal em felinos: por que optar pelo tratamento cirúrgico? **MedveP - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos animais e Animais de estimação**, 2005.

HAGMAN, R. Pyometra in Small Animals. **Vet Clin North Am Small Anim Pract**, . 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29933767/><https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29933767/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

HOWE, M. L. **Surgical methods of contraception and sterilization**. Theriogenology, 2006.

KEALY, J. K.; GRAHAM, J. P.; MCALLISTER, H. **Radiologia e Ultrassonografia do Cão e do Gato**, 5. ed., São Paulo: Manole, 2012.

LACERDA, L. et al., **Doença do Trato Inferior dos Felinos: Relato de Caso**. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/1524-Texto%20do%20artigo-3108-1-10-20181004.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2021.

- LINZMEIER, G. L.; ENDO, R. M. Otite Externa. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, 2009. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/ZjT2hdBx69kFTWR_2013-6-21-12-3-2.pdf. Acesso em: 29 mai. 2021.
- MAIOLINO, P.; RESTUCCI, B.; PAPPARELLA, S.; DE VICO, G. Nuclear morphometry in squamous cell carcinomas of canine skin. **Journal Comparative Pathology**, 2002.
- MANOEL, W. J.; DE QUEIROZ, S. B. J.; JÚNIOR, L. D. P. S.; DE ABREU, D. C. B.; DE ABREU N. I. P.; FERREIRA, E. C. Sarcomas de alto grau: estudo retrospectivo de 131 casos. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgões**, v. 35, n. 2, p. 83-87, 2017.
- MEDLEAU, S. sL.; HNILICA, K. A. **A Dermatologia de Pequenos Animais: Atlas Colorido e Guia Terapêutico**. São Paulo: Rocca, 2003.
- MELLO, A. M. C., et al. Carcinoma de células escamosas em felino doméstico: – relato de caso. **Revista Científica de Medicina Veterinária**, 2018. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/kzOLf1AVsetpfES_2018-7-6-11-12-40.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.
- NEMANIC, S.; LONDON, C. A.; WISNER, E. R., Comparison of Thoracic Radiographs and Single Breath-Hold Helical CT for Detection of Pulmonary Nodules in Dogs with Metastatic Neoplasia. 2006 **Journal of Veterinary Internal Medicine**. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16734082/>. Acesso em: 03 jun. 2021.
- RABELO, R. C. **Fundamentos de Terapia Intensiva Veterinária em Pequenos Animais: Conduta no Paciente Crítico**, 1. ed. Rio de Janeiro: LF livros, 2005.
- RASKIN, R. E.; MEYER, D. J. Pele e Tecido Subcutâneo: *In*: DALECK, C. R.; DE NARDE, A. B.; RODASKI, S. **Atlas de Citologia de Cães e Gatos**. São Paulo: Roca, 2003.
- RHODES, K. H.; WERNER, A. H. **Dermatologia em pequenos animais**. 2. ed. São Paulo: Editora Roca, 2014.
- RODRIGUES, M. B. Diagnóstico por imagem no trauma musculoesquelético: princípios gerais. **Revista Medicina**. v. 90, n. 4, p.185-94, São Paulo, 2011.
- ROSA, V. M.; QUITZAN, J. G. **Avaliação retrospectiva das variáveis etiológicas e clínicas envolvidas na doença do trato urinário inferior dos felinos (DTUIF)**. Iniciação Científica – CESUMAR, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/1465>. Acesso em: 31 mai. 2021.
- ROSOLEM, M. C. et al. 2012. **Carcinoma de células escamosas em cães e gatos: Revisão de literatura**. PUBVET, 2012. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br/artigo/3064/carcinoma-de-ceacutelulas-escamosas-em-catildees-e-gatosnbsprevisatildeo-de-literatura>. Acesso em: 29 mai. 2021.

SALVADO, I. **Estudo retrospectivo das neoplasias em canídeos e felídeos domésticos, analisadas pelo laboratório de anatomia patológica da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa, no período compreendido entre 2000 e 2009.** 2010. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010.

SANTOS, F. C.; CORRÊA, T. P.; RAHAL, S. C.; CRESPILO, A. M.; LOPES, M. D.; MAMPRIM, M. J. Complicações da esterilização cirúrgica de fêmeas caninas e felinas: revisão da literatura. **Vet Zootec**, v. 16, p. 8-18, 2009.

SCOTT, D. W. et al. **Em Muller & Kirk Dermatologia de pequenos animais.** 5. ed. Rio de Janeiro: Interlivros, 1996.

SETOLA, E.; NOUJAIM, J.; BENSOM, C.; CHAWLA, S.; PALMERINI, E.; JONES, R. L. 2017. Eribulin in advanced liposarcoma and leiomyosarcoma. **Revisão Especializada da Terapia Antineoplásica.** Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28621163/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

SILVEIRA, M. F.; BONEL, J.; PEREIRA, S. M.; FERNANDES, C. G. Sarcomas de tecidos moles em caninos e felinos: aspectos epidemiológicos e patológicos. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 12, n. 3, p. 157-172, 2014.

SLATTER, D.H. **Manual de Cirurgia de Pequenos Animais:** São Paulo: Manole, 2007.

SPUGNINI, E.P.; BALDI, A. **Electrochemotherapy in veterinary oncology:** From rescue to first line therapy. *Methods Mol Biol*, 2014.

SPUGNINI, E. P. A. et al. Electrochemotherapy for the treatment of squamous cell carcinoma in cats: A preliminary report. **The Veterinary Journal**, v. 179, 2009.

THRALL, D. E. **Diagnóstico de radiologia veterinária.** 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

THRALL, M.A. et al., **Hematologia e Bioquímica Clínica Veterinária.** 2. ed., Rio de Janeiro: Roca, 2014.

TILLEY, L. P.; SMITH J. R. F. W. K. **Consulta Veterinária em 5 minutos.** 5. ed. São Paulo: Editora Manole, 2015.

VADEN et al. **Exames laboratoriais e procedimentos diagnósticos em cães e gatos.** São Paulo, Roca. p. 1220, 2013.

WERNER, J.; RODASKI, S. Neoplasias de Pele. In: DALECK, C. R.; DE NARDE, A. B.; RODASKI, S. **Oncologia em Cães e Gatos.** São Paulo: Roca, 2009.

WERNER, J.; RODASKI, S. Neoplasias de Pele. In: DALECK, C. R.; DE NARDE, A. B.; RODASKI, S. **Oncologia em Cães e Gatos.** São Paulo: Roca, 2009.

WILLARD, M.; TVEDTEN, H.; TURNWALD, G. H. **Diagnóstico Clínico patológico prático nos animais pequenos.** Buenos Aires: Intermedica, 1993.

ANEXO A – HEMOGRAMA E LEUCOGRAMA DO CANINO COM LEIOMIOSSARCOMA E INFECÇÃO POR ESCHERICHIA COLI EM COTO UTERINO



LABORATÓRIO VETHEALTH

Rua Santos Saraiva, 468, Sala 04
Email: vethealth.laboratorio@gmail.com
Site: www.vethealthlaboratorio.unixames.com.br

Paciente.....	Idade..... 16A 2M 0	Pedido..... 010000084
Tutor.....		Telefones:..
Raça..... POODLE MICRO		Espécie: CANICO
Dr(a)..... ELIAS HOMORATO BAGIO		CRMV:..... 10420SC
Data da Entrada.. 18/03/2021		Convênio.. HOSPITAL VETERINÁRIO FLORIANÓPOLIS

Hemograma

Data de recebimento da amostra: 18/03/2021 14:11

Data e hora de liberação: 18/03/2021 15:08

Material biológico: Sangue Total/EDTA

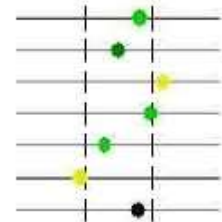
Método: Automatizado

SÉRIE VERMELHA

Hemácias.....	7,10 milh./mm ³
Hemoglobina.....	16,0 g/dL
Hematócrito.....	54,5 %
V.C.M.....	76,76 fL
H.C.M.....	22,54 pg
C.H.C.M.....	29,36 g/dL
R.D.W.....	14,4 %

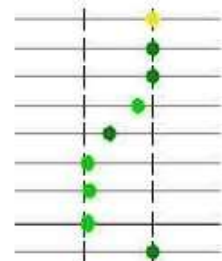
Valores Referenciais

5,7 - 7,4
14,0 - 18,0
38,0 - 47,0
63,0 - 77,0
21,0 - 26,0
31,0 - 35,0
14,0 a 17,0



SÉRIE BRANCA

	%	/mm ³	%	/mm ³
Leucócitos.....		8.100		6.000 - 16.000
Mielócitos.....	0	0	0	0
Metamielócitos.....	0	0	0	0
Bastonetes.....	3	243	0 - 1	0 - 300
Segmentados.....	77	6.237	55 - 80	3.300 - 12.800
Linfócitos.....	15	1.215	13 - 40	780 - 6.400
Monócitos.....	3	243	1 - 6	100 - 980
Eosinófilos.....	2	162	1 - 9	100 - 1450
Basófilos.....	0	0	0 - 1	0



Plaquetas.....	428.000	mm ³	150.000 - 500.000 /mm ³
----------------	---------	-----------------	------------------------------------

Proteína Plasmática Total (PPT).....	7,6	mg/dL	6,0 a 8,0 mg/dL
--------------------------------------	-----	-------	-----------------

Observação:.....


Iolanda Edna Cândido
Médica Veterinária
CRMV 10.173

Esses resultados devem ser interpretados somente pelo seu médico, pois o uso de medicamentos, alguns estados fisiológicos, assim como outras patologias associadas, podem alterar esses resultados.

ANEXO B – BIOQUÍMICA SÉRICA DO CANINO COM LEIOMIOSSARCOMA E INFECÇÃO POR ESCHERICHIA COLI EM COTO UTERINO



LABORATÓRIO VETHEALTH
Rua Santos Saraiva, 468, Sala 04
Email: vethealth.laboratório@gmail.com
Site: www.vethealthlaboratorio.unixames.com.br

Paciente..... Tutor:..... Raça..... POODLE MICRO Dr(a)..... ELIAS HOMORATO BAGIO Data da Entrada.. 18/03/2021	Idade..... 16A 2M 0 Pedido..... 010000084 Telefones:.. Espécie:.. CANICO CRMV:..... 10420SC Convênio.. HOSPITAL VETERINÁRIO FLORIANÓPOLIS
--	--

Uréia

Data de recebimento da amostra: 18/03/2021 14:11	Método: Enzimático / automatizado
Data e hora de liberação: 18/03/2021 14:32	Valor de Referência:
Material biológico: Soro	20 a 50 mg/dL
Resultado.....	33 mg/dL

Proteínas Totais e Frações

Data de recebimento da amostra: 18/03/2021 14:11	Método: Colorimétrico
Data e hora de liberação: 18/03/2021 14:33	Valor de Referência:
Material biológico: Soro	5,7 a 7,1 g/dL
Proteínas Totais.....	7,2 g/dL
Albumina.....	2,9 g/dL
Globulinas.....	4,3 g/dL
Relação A/G.....	0,7
	2,6 a 3,3 g/dL
	2,6 a 4,4 g/dL
	0,6 - 1,7

ALT / TGP

Data de recebimento da amostra: 18/03/2021 14:11	Método: Enzimático/ automatizado
Data e hora de liberação: 18/03/2021 14:33	Valor de Referência:
Material biológico: Soro	Caninos: 10 - 88 U/L
Resultado.....	50 mg/dL

Creatinina

Data e hora de coleta: 18/03/2021 14:11	Método: Enzimático
Data e hora de liberação: 18/03/2021 14:33	Valor de Referência
Material biológico: Soro	0,50 a 1,40 mg/dL
Resultado.....	0,80 mg/dL

Fosfatase Alcalina

Data de recebimento da amostra: 18/03/2021 14:11	Método: Enzimático
Data e hora de liberação: 18/03/2021 14:33	Valor de Referência:
Material biológico: Soro	20 - 156 U/L
Resultado.....	212 U/L

Gama GT

Data de recebimento da amostra: 18/03/2021 14:11	Método: Ensaio Enzimático
Data e hora de liberação: 18/03/2021 14:33	Valor de Referência:
Material biológico: Soro	até 10 U/L
Resultado.....	25 U/L

Lactato

Data de recebimento da amostra: 18/03/2021 14:11	Método:
Data e hora de liberação: 18/03/2021 14:33	Valor de Referência:
Material biológico: Soro	
Resultado.....	49,2

Iolanda Edna Cândido
 Médica Veterinária
 CRMV 10.173

ANEXO C – URINÁLISE DO CANINO COM LEIOMIOSSARCOMA E INFECÇÃO POR ESCHERICHIA COLI EM COTO UTERINO

 VetHealth Análises Clínicas e Anatomia Patológica		LABORATÓRIO VETHEALTH Rua Santos Saravia, 468, Sala 04 Email: vethealth.laboratorio@gmail.com Site: www.vethealthlaboratorio.unicxames.com.br	
Paciente..... KJ	Idade..... 16A 2M 0	Pedido..... 010000088	
Tutor..... C		Telefones..... 7	
Raça..... POODLE MICRO		Espécie: CANINO	
Dr(a)..... ELIAS HOMORATO BACIO		CRMV..... 104209C	
Data da Entrada.. 18/03/2021		Convênio.. HOSPITAL VETERINARIO FLORESANOPOLIS	

Relação Proteinúria/Creatinúria (UPC)

Data de recebimento de amostra: 18/03/2021 18:45

Data e hora de liberação: 18/03/2021 17:44

Material biológico: Urina Amostra Isolada

Método: Colorimétrico

Valor de Referência:

Proteína Urinária.....	28,28 mg/dL	
Creatinina Urinária.....	3,79 mg/dL	
Relação Proteinúria/Creatinúria.....	0,30 mg/dL	< 0,2: Normal 0,2 - 0,4: Risco > 0,5: Anormal


Iolanda Edna Cândido
 Médica Veterinária
 CRMV 10.173

Esses resultados devem ser interpretados somente pelo seu médico, pois o uso de medicamentos, alguns estados fisiológicos, assim como as alterações metabólicas e sistêmicas, podem alterar os seus resultados.

ANEXO D –CULTURA BACTERIANA E ANTIBIOGRAMADO CANINO COM LEIOMIOSSARCOMA E INFECÇÃO POR ESCHERICHIA COLI EM COTO UTERINO



Citovet
Laboratório Veterinário

Fone: (48) 3028 4744
Florianópolis - Santa Catarina
Siga nossas redes sociais



instagram/lab.citovet

No. do Exame 001/07----

Nome KINA

Espécie..... CANINA

Sexo..... FEMEA

Médico Vet... ELIAS HONORATO BAGIO

Clinica Vet.: HOSPITAL VETERINARIO FLORIANOPOLIS

Data da Entrada... 20/03/2021

Raça...POODLE TOY

Idade... 15

Proprietário: CARMEN LUCIA

Tel.: 48 3047 0193 Fax:

CULTURA E ANTIBIOGRAMA

Material Enviado : *caso urinar*

Bactéria Isolada: *Escherichia coli*

Contagem de colônias: 10.000.000 UFC/ml

Antibiograma

Sensível :	Resistente:
Amoxicilina	
Amox. +ác. Clav.	
Amoxiclavina	
Cefalexina	
Cefazolin	
Ciprofloxacina	
Cloxacilina	
Cefuroxime	
Meropenem	
Netilmicina	
Imipenem	
Meropenem	
Netilmicina	
Sulfacetamida	
Tetraciclina/doxiciclina	
Tobramicina	



Thiana Lemos Delfino Moraes Marques
CRVET 4442

A interpretação do resultado deve ser correlacionada com o quadro clínico do paciente, realizada somente pelo médico veterinário solicitante.
Os valores dos exames podem variar conforme o estado fisiológico, doenças, uso de medicamentos e de acordo com a idade do paciente

ANEXO E – HISTOPATOLOGIA DO CANINO COM LEIOMIOSSARCOMA E INFECÇÃO POR ESCHERICHIA COLI EM COTO UTERINO



Citovet
Laboratório Veterinário

Exame nº 087736

Fone: (40) 3028 4744
Florianópolis - Santa Catarina
Siga nossas redes sociais



instagram/lab.citovet

Whatsapp 4.178

IDENTIFICAÇÃO DO CLIENTE

Clínica/Hospital: Hospital Veterinário Florianópolis
Requisitante: Dr. de Souza
Proprietário:

Fone(s): 3047 0195

IDENTIFICAÇÃO DO ANIMAL

Nome: Kika 18719-Carmen Espécie: Canina Raça: Poodle
Sexo: Fêmea Idade: 15 Anos Entrada: 1/04/2021 Conclusão: 9/04/2021 Ficha: 60192

HISTOPATOLOGICO

NATUREZA DO MATERIAL (POR SOLICITANTE):

Fragmento de Útero.

DESCRIÇÃO DA MACROSCOPIA:

Recebido para análise, nódulo firme, ovalado, branco, sólido, medindo 4cm x 3cm x 1cm (3F1K7/PI/R0645-21). Colorações de Hematoxilina e Eosina e Tricrômico de Masson.

DESCRIÇÃO DA MICROSCOPIA:

Nódulo (útero): cortes de amostras teciduais demonstrando a proliferação de células neoplásicas fusiformes, dispostas irregularmente em feixes bastante celulares formando tecido tumoral moderadamente delimitado, não encapsulado, com focos ocasionais de necrose. As células neoplásicas exibem núcleos redondos a ovais, pleomorfismo discreto e nucléolo evidente. O citoplasma é fusiforme a polygonal, eosinofílico. A contagem mitótica foi de aproximadamente 7 figuras mitóticas em 2,37mm² (12 campos celulares contínuos de maior aumento, Obj: 40x, ocular 10x, FN 20mm, FOV 0,50mm, Nikon Eclipse E200). A avaliação da coloração Tricrômico de Masson revelou-se intensamente avermelhada.

CONCLUSÃO:

NÓDULO (ÚTERO): OS ACHADOS HISTOMORFOLÓGICOS FAVORECEM LEIOMIOSSARCOMA.

COMENTÁRIOS:

Aplicando o sistema de graduação para sarcoma de partes moles atual, considerar tumor de baixo grau histológico (grau 1).

Referência:

- MEUTEN, D. J. Tumors in domestic animals. 5th ed. Wiley-Blackwell. 2017.
- Bray JP. Soft tissue sarcoma in the dog - part 1: a current review. J Small Anim Pract. 2016;57(10):510-519.
- Bray JP. Soft tissue sarcoma in the dog - Part 2: surgical margins, controversies and a comparative review. J Small Anim Pract. 2017;58(2):63-72.
- DENNIS, MM; et al. (2011). Prognostic Factors for Cutaneous and Subcutaneous Soft Tissue Sarcomas in Dogs. Vet Pathol. 48(1):73-84.

O diagnóstico deste exame resulta da correlação entre dados clínicos e laboratoriais, fornecidos ao patologista, e aspectos morfológicos presentes no material examinado, e está sujeito a limitações metodológicas. Qualquer discrepância entre o diagnóstico e os elementos clínicos deve ser discutida com o patologista antes do tratamento.

Tiziane Larissa Duim Ribeiro Nakagawa
 Médica Veterinária
 CRMV-SC 4442

ANEXO F – ELETROCARDIOGRAMA DO CANINO COM LEIOMIOSSARCOMA E INFECÇÃO POR ESCHERICHIA COLI EM COTO UTERINO

R. João Cruz Silva, 61 Estrada Florianópolis 48.36439-188		ECGD@live01 v1.1.0.3
Hospital Veterinário FLorianópolis		
LAUDO		
Nome do animal:	Kika 1	Exame nº: 00054/21 Data: 31/03/2021
Proprietário(a):	Carmen Lucia e Silva	
Indicação:		
DADOS DO ANIMAL		
Idade:	15 ano(s) e 2 mês(es)	Espécie:
Peso:	3 kg e 0 grama(s)	Raça:
Sexo:	f	Pelagem:
CONDIÇÕES DO EXAME		
Horário: 10:25:16 – 10:27:02		
Medicamento:		
PARÂMETROS OBSERVADOS		
F.C.: 178 bpm		
Ritmo: Sinusal		
SEGMENTOS		
Onda P: 40 ms	Q R S: 84 ms	QTc:
PR: 72 ms	QT: 188 ms	
AMPLITUDE		
P: 0.39 mV	R: 0.83 mV	T: 0.33 mV
Q: mV	S: 0.32 mV	ST: mV
MEDIDAS DE ÂNGULOS		
SAP: graus	SAQRS: graus	
RESPONSÁVEL		
Mateus Rycheski		
COMENTÁRIOS		
Sem alterações eletrocardiográficas.		

R. João Cruz Silva, 91 Estrada Florianópolis
48 30470185

ECGDetecT v1.1.0.3

Hospital Veterinário F Lorianopolis

Exame nº: 0005601

Nome do animal: Kika 18719

Velocidade: 50 mm/s

D1 N



D3 N



aVR N



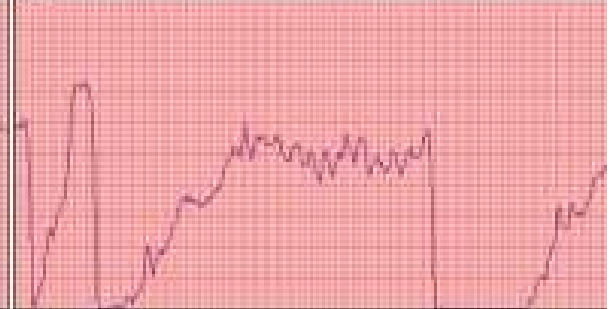
aVL N



aVF N



V N



D2 N



ANEXO G – HISTOPATOLOGIA DO FELINO COM CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS



Citovet
Laboratório Veterinário

Fone: (48) 3028 4744
Florianópolis - Santa Catarina
Siga nossas redes sociais

 [instagram/lab.citovet](#)
MultVet 4.17®

Exame nº 087914

IDENTIFICAÇÃO DO CLIENTE

Clinica/Hospital: Hospital Veterinário Florianópolis Fone(s): 3047 0195

Requisitante: Não [Redacted]

Proprietário(a): Bianca Skupin

IDENTIFICAÇÃO DO ANIMAL

Nome: Luna-Bianca Espécie: Felina Raça: SRD

Sexo: Fêmea Idade: 7 Anos Entrada: 15/04/2021 Conclusão: 27/04/2021 Ficha: 60367

HISTOPATOLOGICO

NATUREZA DO MATERIAL (POR SOLICITANTE):

- 1- lesão em mucosa nasal.
- 2- lesão de pele.

DESCRIÇÃO DA MACROSCOPIA:

- 1- "nódulo em narina": recebidos para análise, dois fragmentos circulares teciduais, sem pêlos, macios, sólidos e pardos, medindo em conjunto 0,5cm x 1,5cm x 0,8cm (2F/1K7/TI/RG745-1-21). Colorações de Hematoxilina e Eosina e Azul de Toluidina.
- 2- "nódulo em pele": recebido para análise, fixado em solução formalina, fragmento de pele elíptico medindo 3cm x 1,5cm x 1cm, com lesão ulcerada central, de bordas elevadas e assimétrica, castanho-parda, sólida e firme ao corte (1F/1K7/PI/RG745-2-21). Coloração de Hematoxilina e Eosina.

DESCRIÇÃO DA MICROSCOPIA:

- 1- Mucosa nasal: cortes de tecidos com representação de mucosa nasal com epitélio respiratório cilado cilíndrico e tecido osteocondróide normal. Há proliferação neoplásica escamosa em dois focos na amostra maior analisada, desde o epitélio superficial, invadindo a membrana basal, com queratinização incompleta, mas sem invadir tecidos mais profundos. Há ainda infiltrado inflamatório linfoplasmocítico difuso acentuado com discreta quantidade de mastócitos reacionais, neutrófilos e eosinófilos. Mitoses ocasionais nas células neoplásicas.
- 2- Nódulo cutâneo: cortes sequenciais de tecido dermo-epidérmico demonstrando a proliferação focalmente extensa de células escamosas com atipia nuclear evidente caracterizada por anisocariose moderada, nucléolos múltiplos e proeminentes e padrão de cromatina grosseiro, com invasão para a derme profunda, formando tecido tumoral expansivo, bem delimitado, mas não encapsulado. Há pérolas e queratina ocasionais dispostas entre aglomerados de células escamosas neoplásicas pouco coesas. Mitoses ocasionais. Há ainda foco de ulceração da epiderme.

CONCLUSÃO:

- 1- MUCOSA NASAL ("NÓDULO EM NARINA"): CARCINOMA INVASIVO DE CÉLULAS ESCAMOSAS INCIPIENTE.
- 2- NÓDULO CUTÂNEO: CARCINOMA INVASIVO DE CÉLULAS ESCAMOSAS (BEM DIFERENCIADO).

COMENTÁRIOS:

Referências:

- GROSS, T. L. et al. Skin diseases of the dog and cat: clinical and histopathologic diagnosis. 2nd. ed. Blackwell publishing. 2005.
- MEUTEN, D. J. Tumors in domestic animals. 5th ed. Wiley Blackwell. 2017.

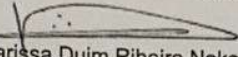
 **Citovet**
Laboratório Veterinário

Fone: (48) 3028 4744
Florianópolis - Santa Catarina
Siga nossas redes sociais

 [instagram/lab.citovet](https://www.instagram.com/lab.citovet)
MultVet 4.17®

Exame nº 087914

O diagnóstico deste exame resulta da correlação entre dados clínicos e laboratoriais, fornecidos ao patologista, e aspectos morfológicos presentes no material examinado, e está sujeito a limitações metodológicas. Qualquer discrepância entre o diagnóstico e os elementos clínicos deve ser discutida com o patologista antes do tratamento.


Tizianne Larissa Duim Ribeiro Nakagawa
Médica Veterinária
CRMV-SC 4442